

Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Março de 1988

N.º 3

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Março de 1988

N.º 3

SUMÁRIO

Página

Colônia Príncipe Dom Pedro - documentos para sua história — Maria do Carmo R. K. Goulart	66
Fundação "Casa Dr. Blumenau" instala laboratório fotográfico	70
Genealogia da família Thomsen-Berner — Rodolfo Thomsen	71
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	80
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	82
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff ...	83
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini	85
Um desbravador da floresta virgem em lances emocionantes	89

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 200,00 + 50,00 (porte) = 250,00
Número avulso Cz\$ 25,00 — Atrasado Cz\$ 50,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 500,00 + 200,00 (porte) = 700,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — SANTA CATARINA — B R A S I L

Colônia Príncipe Dom Pedro - documentos para sua história

Maria do Carmo R. K. Goulart

I. O Governo do Barão

O segundo semestre de 1869 é um período particularmente interessante nos registros históricos relativos à Colônia Príncipe Dom Pedro. Nela haviam sido instalados os imigrantes poloneses, chegados em agosto daquele ano.

Nomeado pela portaria do Ministério da Agricultura de 24 de março de 1868, a Colônia tinha como Diretor o senhor **Pedro Manoel Moreira da Silva** que fora substituído, interinamente, pelo **Barão Frederico von Klitzing** — o qual dirigia a colônia à época em que chegaram os colonos poloneses. O barão havia apresentado ao Governo da Província um orçamento de 7:894\$500 rs. para fazer frente às despesas com esses novos imigrantes. Conforme a publicação oficial do Governo da Província, publicado no jornal O Despertador, Desterro, de 1.º/01/1870, a quantia entregue ao diretor das Colônias Brusque (1) e Príncipe Dom Pedro era de 19:093\$ rs., cabendo a Príncipe D. Pedro a quantia de 7:050\$ rs.

O Governo da Província, em expediente de 24/01/1870, remetia à “thesouraria da fazenda”:

“a inclusa copia do aviso do ministério d'agricultura, commercio e obras publicas, de 19 do corrente mes, expedido em solução ao officio desta presidencia datado de 22 de dezembro p. findo, participando a entrega de 19:093\$rs. ao director das Colonias Itajahy e Principe Dom Pedro”. (Jornal O Despertador, n.º 732, 4/2/1870)

O mesmo jornal, datado de 15/01/1870, contendo o expediente oficial datado de 8 do mesmo mês, publicava:

“à thesouraria, n.º 6 — Com a inclusa copia do officio do director da colonia Itajahy datado de 30 de Dezembro findo, remetto à V. B. as contas da receita e despezas feitas no tempo do ex-diretor barão de Klitzing com a sobredita colonia, pertencentes ao trimestre de julho a setembro no anno p.p.”

Enquanto os novos imigrantes — assentados em terras que os americanos haviam abandonado — na **Linha Sixteen Lots** —, trabalhavam o solo preparando plantações, reinava uma precária situação, mediante a qual, segundo **Lauth**, (2) o:

“Governo Imperial, em setembro, aprovou a fundação de um novo estoque para o “Armazem de Viveres” distribuir aos colonos. Não foi uma fundação, mas empréstimo para que os colonos não precisassem depender dos negociantes”.

Ainda conforme **Lauth**:

"não há documentos que levam à frente esta narrativa".

O certo é que a parte oficial do Governo da Província fazia publicar no jornal **O Despertador** n.º 733 de 5/02/1870 o Relatório Terras Públicas e Colonização que:

"Por meu officio de 21 do mez de outubro dirigido ao Director da Colonia Principe D. Pedro mandei dispensar os auxilios do armazem alli estabelecido, devendo entrar para os cofres da Thezouraria, o saldo que houvesse em poder do mesmo, visto que as circumstancias d'essa colonia na actualidade dispensavão a continuação desse favor".

"Sugerimos", prossegue **Lauth**, "que o Barão também tenha se desiludido quanto à administração e decidido abandonar a colônia". fato que documenta com publicação no jornal "A Regeneração", do Desterro, datado de 2/10/1869 e que dava conta de notícias sobre o assalto que o Barão de Klitzing fora vítima quando transportava uma quantia para as despesas da Colônia. O Barão, juntamente com o agrimensor Leo Arnoldi, teria sido preso por alguns dias, já que a Polícia suspeitava de má fé. O fato deve ter causado algum incômodo às autoridades, pois na mesma parte oficial do jornal **O Despertador** (n.º 733, de 05/02/1870), no "Relatório Terras Públicas e Colonização" consta que:

"alguns factos de character bem desagradavel occorrerão durante minha administração com referencia a 2.ª parte d'esta epigraphe, das quaes dei sciencia ao Governo Imperial por meus officios e telegrammas dirigidos ao Exmo. Sr. Ministro da Agricultura Comercio e Obras Publicas. Entre elles assume maior vulto o facto do roubo de que se queixa o Barão de Klitzing — Director da Colonia Brusque, quando se recolhia para à Colonia, levando comsigo a quantia de 12:000\$000 rs. que recebera da Thezouraria da Fazenda, n'esta Capital, em 16 de Setembro findo, para despesas d'aquelle estabelecimento, e cujos pormenores, e medidas que, então se tomarão, encontrará V. Ex. no processo de averiguação e inquirições a que procedeu a authoridade competente, o qual foi remetido à esta Presidencia pelo Doutor Chefe de Policia".

2. Duas Colônias que valem por uma

O assentamento na Colônia Príncipe Dom Pedro tornava-se difícil por razões já expostas e enumeradas em outros artigos.

Com a decisão do Governo Imperial, através do Ministério dos Negócios da Agricultura, pelo aviso de 6 de dezembro de 1869, sob o n.º 16:

"mandando que a administração da Colonia Principe Dom Pedro fique reunida à de Itajahy e dispensando todo o pessoal da primeira",

a ordem se fazia cumprir também por correspondência que o ex-diretor da Colônia, **Pedro Manoel Moreira da Silva** recebia à de igual teor enviada ao tenente-coronel **Gaspar Xavier Neves**, "diretor actual da Príncipe D. Pedro" dizendo que:

“para sua sciencia e fins convenientes, e bem assim ao director da d'Itajahy narrando todo o ocorrido, e recommendando-lhe que assuma, quanto antes, aquella administração”.

Em comunicado official à tesouraria da fazenda, sob o n.º 21 (publicado no jornal **O Despertador**, n.º 729, 22/01/1870), o Governo de Provincia dizia:

“Em vista de sua informação, em officio n.º 11, datado de 11 do corrente, remetto à V.S., para os fins devidos, copia do officio do ex-director da Colonia Principe D. Pedro, Manoel Moreira da Silva, acompanhando os documentos na importancia de 878\$rs., de despezas da mesma colonia nos ultimos dias da dita direcção, bem como a relação com recibo, passado pelo actual director, do archivo e mais objetos que estavam a cargo d'aquelle”.

O padre **John Haber**, capelão da Colônia, era igualmente informado:

“para sua sciencia e devida execução, passo, por copia, às mãos de v.rvdm. o aviso que me foi expedido pelo ministerio dos negocios da Agricultura, Commercio e obras publicas, em data de 30 do mez p.p. mandado dar por findo o contracto feito com V.rvdm., que deverá regressar à Corte, conforme determina o citado aviso, visto haver terminado no dia 3 do corrente o referido contracto”.
(jornal **O Despertador**, n.º 719, 18/12/1869).

Tal aviso vinha reforçado em data de 7 de janeiro do ano seguinte ao director da Colônia Itajahy, que recebia, do Governo de Provincia, “para os fins convenientes”, (...) “a deliberação que tomou esta presidencia de dar por findo o contracto celebrado com o capelão da Colonia Principe D. Pedro, o Padre John Haber”. Idêntica correspondência recebia “a thezouraria da fazenda” (**O Despertador**, n.º 732, de 04/02/1870).

O ex-cura solicitaria seu pagamento ao Governo de Provincia, que encaminharia à tesouraria de fazenda, sob n.º 61, um expediente determinando que:

“Pela verba — colonização — do actual exercicio, manda V.S. pagar ao padre John Haber a quantia de 102\$rs. por elle reclamada, de despezas que fez com seu transporte da colonia Brusque à esta capital, e cujo pagamento tem direito na forma da condição 5.ª do contracto por elle celebrado quando veio para a mencionada colonia”.

No jornal **O Despertador** do mesmo dia — 19/02/1870, era publicado o Relatório Colonização e Terras Públicas:

“Em data de 9 de Dezembro ultimo apresentou-se-me o Capitão Firmino

<p>TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.</p>

José Corrêa, nomeado Director da Colonia Itajahy —, à cuja direcção ficou, por Aviso de 6 de Dezembro, unida a Colonia Principe D. Pedro. Para satisfazer as urgentes necessidades de ambas as colonias, e, em cumprimento do aviso do Ministerio d'Agricultura de 23 de novembro de 1868 pediu-me aquelle Director, para a primeira a quantia de 12:000\$000rs., que mandei satisfazer para Thezouraria e para a segunda a de 7:000\$rs.

Com as duas Colônias anexadas, havia urgência em colocar a documentação em dia, fato que o Governo de Província, em expediente de 16/12/1869 fazia à tesouraria da fazenda, sob n.º 572:

“Em cumprimento do que me foi determinado por telegramma datado de hoje do Ministerio dos Negocios da Agricultura, convém que v.s. com a máxima brevidade me remetta copia dos documentos apresentados pelos directores das colonias do Estado, por occasião de prestarem contas do exercicio findo, e bem assim o orçamento das despesas no corrente exercicio para as colonias Itajahy e Principe Dom Pedro”;

A pressa era grande; afinal de contas, as contas precisavam ser acertadas e no dia seguinte, 17/12, o diretor da Colônia Itajahy era solicitado para:

“com a maxima brevidade possível remetesse o orçamento das despesas a fazer-se no corrente exercicio com as Colonias Itajahy e Principe D. Pedro”.

(jornal O Despertador, n.º 721, 25/12/1869).

Por outro lado, a preocupação com a segurança também fazia-se sentir e em ato do vice-presidente da província, datado de 27/12/1870, deliberava que:

“de conformidade com a proposta do doutor-chefe de policia interino, datada de hoje, sob n.º 330, nomeia, para exercerem os lugares vagos de 2.º, 3.º, 4.º e 5.º supplentes do subdelegado de policia das Colonias Itajahy e Principe D. Pedro os cidadãos Manoel dos Santos Bittancourt, Henrique Vinhe, Christiano Staack e Pedro Steffen, assim como para 6.º suplente Maximiliano von Borowsky. Remetteo-se ao doutor chefe de policia, os titulos dos nomeados para os devidos fins.”

(jornal O Despertador, n.º 724, 04/01/1870).

3. Sair ou ficar? Eis a questão

Com a reunião das duas Colônias, muitos colonos ficaram desgostosos e, assinala Lauth (3):

“a oportunidade ofereceu a última evasão em massa da Colônia. Os imigrantes de lingua inglesa abandonaram juntos a colônia. Chegando a Desterro, solicitaram das autoridades transporte para seu torrão natal”.

Segundo a parte oficial publicada (O Despertador, n.º 729, 22/01/1870), em expediente datado de 12/01/1870, uma circular do Governo de Província solicitava ao diretor das Colônias que:

"Remetta-me Vmc. com toda urgencia uma relação dos colonos da Príncipe D. Pedro, que são devedores do Estado, importancia de suas dividas, d'aquelles a que o Estado deve e quanto, e dos que já foram pagos."

No dia 27/01/1870 uma correspondência enviada ao diretor da Príncipe D. Pedro, da parte oficial do Governo de Província, (O Despertador, n.º 733, 05/02/1870), tinha o seguinte teor:

"Remetto à vme., para sua sciencia, copia do telegramma que recebi em 24 do corrente, do Ministro d'Agricultura autorizando a esta presidencia a mandar transferir para outras colonias do estado n'esta provincia os colonos da Príncipe D. Pedro que o requerem".

Idêntica correspondência recebia o senhor Agente da Colonização.

(1) interessante notar que somente em 1890 a Colônia passou a chamar-se Brusque, porém desde cedo ela era assim chamada.

(2) Lauth, Aloisius Carlos. "A Colônia Príncipe Dom Pedro — um caso de política imigratória no Brasil Império". mimeo, 1987, Brusque. pág. 86.

(3) idem, pág. 87.

Fonte: Jornal O Despertador, do arquivo da Biblioteca Pública Estadual, Florianópolis.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU" INSTALA LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO

Não se trata de equipamento fotográfico novo, mas sim, bastante usado mas eficiente, que a Fundação "Casa Dr. Blumenau" acaba de instalar, para poder copiar os documentos chegados da Baixa Saxônia, em filmes negativos. O equipamento servirá, também, para a reprodução de fotografias que comecem a ficar deterioradas pela ação do tempo, e que pertencem ao Arquivo Histórico.

Tudo isso não teria sido possível, não fosse a valiosa colaboração, 1.º, de Alfredo Wilhelm, que por muitos anos manteve atelier fotográfico na cidade e, 2.º, a colaboração não menos valiosa do sr. Günter Schroeder, proprietário do Foto Dietz.

Alfredo Wilhelm, prontificou-se a instalar o equipamento, orientando a preparação das dependências, sem qualquer ônus para a Fundação. E o fez com zelo e até entusiasmo, encarregando-se, ainda, de orientar o pessoal da casa e acompanhar este trabalho de cópias pelos meses afora. Quanto ao Foto Dietz, colocou à disposição da Fundação, diversos materiais, até lentes especiais para a perfeição dos serviços, e vende outros materiais praticamente a preço de custo.

Com isso, tornou-se possível, à Fundação, dar cumprimento a mais uma etapa de suas diretrizes originais: preservar, nas fotografias, os mais importantes fatos e eventos históricos que abrange, inclusive, as últimas décadas do século passado.

A mais esses dois amigos, que se somam a tantos outros que têm colaborado e ainda colaboram com a Fundação "Casa Dr. Blumenau", através de seus diversos setores, inclusive "Blumenau em Cadernos", a nossa manifestação pública de gratidão perene.

Genealogia da família Thomsen-Berner

APRESENTAÇÃO

A genealogia da família Thomsen — Berner foi compilada como demonstração de gratidão pelos 54 anos de meu matrimônio, o qual foi extremamente feliz e bem sucedido graças às virtudes e qualidades de minha falecida esposa, e em honra de nossos antepassados que há mais de 130 anos empreenderam a viagem cruzando o Atlântico em veleiros precários para erigir na nova terra brasileira melhores condições de desenvolvimento para seus descendentes, já que na Europa do trabalho manual daqueles dias as perspectivas eram cada vez menores.

Estes pioneiros — homens, mulheres e crianças, encontrando condições adversas e desconhecidas, edificaram a partir da densa floresta aprazíveis comunidades, levantaram escolas para crianças e jovens, construíram igrejas, desenvolveram a agricultura e desempenharam os mais variados ofícios, precursores dos estabelecimentos co-

merciais e industriais.

Este êxito foi produzido com o trabalho, a perseverança, o sentido de organização, a parcimônia e a fidelidade — qualidades que há séculos eram a norma na Alemanha e que foram transferidas para a nova pátria pelos pioneiros.

A preservação das tradições de nossos antepassados deve ser para nós uma missão que nos permita, em conjunto com todos os cidadãos de nosso país e com o auxílio de Deus, construir para nossa bela pátria Brasileira um futuro de progresso, que já lhe parece destinado por suas riquezas, sua amplitude e seu clima favorável.

A todos os parentes que espontaneamente forneceram dados, bem como à todas as pessoas que auxiliaram na confecção deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Blumenau, 30 de outubro de 1987.

Rodolfo Thomsen

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA THOMSEN — BERNER

Peter Thomsen, Hafermarkt 744 e 832 em Flenzburg, Alemanha, casado com **Elsabe Maria Iversen**, tiveram 5 filhos:

Thomas Thomsen, nascido em 23 de janeiro de 1816.

Henriette Auguste Thomsen, nascida em 1820.

Anna Sophie Thomsen, nascida em 1823.

Eline Maria Thomsen, nascida em 1826.

Marie Mathilde.

Thomas Thomsen, filho de Peter Thomsen e Elsabe Maria Iversen, nascido em 23/01/1816 em Flenzburg, Alemanha. Faleceu em 14/07/1868 em Blumenau. Emigrou para Blumenau em 1857/58. Casou-se em 21/09/1859 com a viúva **Agnes Auguste Heffter**, filha de Mathias Adamitza e de Johanne Florentine Ziegner, nascida em 02 de novembro de 1829 em Kletschkau, Schweidnitz, Silésia, Alemanha, tendo falecido em 01/04/1891 na Velha Central, Blumenau. Tiveram 5 filhos:

Theodor Thomsen, nascido em 18 de maio de 1959 em Blumenau. Fale-

ceu em 14/10/1915 na Velha Central, Blumenau. Casou-se em 09/10/1883 com **Luise Berner** em Blumenau. Tiveram 6 filhos.

Sophie Thomsen, nascida em 10 de fevereiro de 1861 em Blumenau. Casou-se em 03/02/1881 com Ernst Schwartz em Blumenau. Tiveram filhos.

August Thomsen, nascido em 04 de janeiro de 1863 em Blumenau. Faleceu em 01/08/1918 em Blumenau. Casou-se com Bertha Mathes, nascida em 19/02/1871 em Blumenau, falecida em 16/01/1940 em Blumenau. Tiveram 6 filhos.

Gustav Thomsen, nascido em 24 de março de 1865 em Blumenau. Casou-se em 18/08/1886 com Louise Besen. Mudaram-se para Massaranduba. Tiveram filhos.

Adolf Thomsen, nascido em 02 de novembro de 1866 em Blumenau. Mudou-se para Pelotas, onde casou, tendo tido 1 filho e 1 filha. Faleceu em 1908.

August Berner, filho de Gottlieb Berner, nascido em 09/09/1837 em Steinau, Lueben, Glogau, Silésia, Alemanha. Faleceu em 02/02/1922 na Velha Cen-

tral, Blumenau. Casado com **Joanne Dorothea Becker**, filha de Mathias Becker e de Johanne Rosine Becker nascida em Dittmann, nascida em 20/06/1837 em Neugut Heinzendorf, Glogau, Silésia, Alemanha. Faleceu em 13/03/1921 na Velha Central, Blumenau. Emigram para Blumenau em setembro de 1869. Acompanhou o casal a mãe de Johanne Dorothea, a viúva **Johanne Rosine Becker** nascida Dittmann, nascida em 1808 na Silésia, Alemanha, e falecida na Velha Central, além de 3 filhas:

Auguste Berner, nascida em 20 de abril de 1861. Casou-se com **Christian Jakobi**. Mudaram-se para Massaranduba, onde faleceram, deixando 6 filhos menores:

Laura, adotada pela família **Robert Schmidt**, de Itoupava e casou-se com **Hermann Mügge**. Mudaram-se para Belchior.

Wilhelm, de paradeiro desconhecido.

Alma, de paradeiro desconhecido.

Ida, mudou-se mais tarde para São Paulo, tendo casado na idade de 65 anos com **Mario Villara**. Moraram no asilo da OASE em São Paulo, onde ambos faleceram. Ida faleceu em 19 de agosto de 1987 aos 93 anos.

August, adotado pela família **Tibrowski** em Massaranduba, onde constituiu família.

Hulda, nascida em 29/08/1897, faleceu em 31/01/1974 em Blumenau. Casou-se com **Heinrich Hoette**, nascido em 06/03/1900 na Alemanha e falecido em 01/06/1948 em Curitiba. Teve 1 filha, **Irma Hoette**.

Emilie Berner, nascida em 11 de setembro de 1862. Casou-se com **Wilhelm Jakobi**. Mudaram-se para Massaranduba e tiveram 1 filha:

Luize Jakobi, nascida em 11 de novembro de 1887. Casou-se com **Wilhelm Beck**, nascido em 19/08/1888. Tiveram 9 filhos: **Theodor**, **Berthold**, **Ella**, **Luize**, **Lili**, **Erika**, **Emilie**, **Vera** e **Werner**.

Luise Berner, nascida em 10 de junho de 1865. Faleceu em 03/10/1951 em Itoupava Seca, Blumenau. Casou-se em 09/10/1883 com **Theodor Thomsen** em Blumenau.

Wilhelm Berner, faleceu em Ribeirão Kellermann, em 1891, na idade de 18 anos.

Julius Berner, nascido em 16 de julho de 1875 em Badenfurt, Blumenau. Faleceu em 21/04/1959 em Itoupava Seca, Blumenau.

FILHOS DE THEODOR THOMSEN E LUISE BERNER

Gustav Thomsen, nascido em 05 de agosto de 1884 na Velha Central, Blumenau. Faleceu em 07/04/1891 na Velha Central.

Oskar Thomsen, nascido em 20 de março de 1886 na Velha Central e faleceu em 22/07/1980 em Passo Manso, Blumenau. Casou-se com **Anna Trapp**, nascida em 25/12/1888 em Blumenau e falecida em 23/12/1952 em Passo Manso, Blumenau. Tiveram 4 filhos.

Ella Thomsen, nascida em 23 de outubro de 1891. Faleceu em 05 de julho de 1984 em Balneário Camboriú. Casou-se em 23/04/1913 com **Franz Letzow**, nascido em 09/04/1886 em Blumenau e falecido em 20/12/1926 em Pomerode. Tiveram 4 filhos.

Lina Thomsen, nascida em 15 de fevereiro de 1893 e falecida em 10 de maio de 1978 em Blumenau. Casou-se em 1916 com **Emilio Kock**, nascido em 05/02/1892 na Velha Central e falecido em 02/05/1979 em Blumenau. Tiveram 3 filhos.

Ricardo Thomsen, nascido em 08 de março de 1895. Faleceu em 05/11/1968 em Pomerode. Casou-se em 1917 com **Anna Kaun**, nascida em 15/09/1894 na Velha Central e falecida em 13/12/1957 em Pomerode. Tiveram 11 filhos.

Rodolfo Thomsen, nascido em 16 de abril de 1901. Casou-se em 18 de outubro de 1924 com **Ottília Wehmuth**, nascida em 15/08/1902 na Velha Central e falecida em 08/10/1978 em Itoupava Seca. Tiveram 5 filhos.

— 0 —

FILHOS DE OSKAR THOMSEN E ANNA TRAPP

Nascidos na Velha Central

Herta Thomsen, nascida em 13 de março de 1911 e falecida em 13 de novembro de 1963 em Indaial. Casou-se em Blumenau com **Helmuth Vogel**, nascido em 30/08/1909 em Indaial e falecido em 24/08/1962 em Indaial. Tiveram 9 filhos, nascidos em Indaial.

Lina Thomsen, nascida em 28 de janeiro de 1913, casou-se em 20 de abril de 1932 em Blumenau com **Heinrich Grahl**, nascido em 29/07/1910 na Velha e falecido em 26/10/1981 em Presidente Getúlio. Tiveram 7 filhos.

Adolfo Thomsen, nascido em 30 de

agosto de 1914, casou-se em Blumenau com **Hilda Trapp**, nascida em 02 de outubro de 1916 na Velha. Tiveram 4 filhos.

Leopoldo Thomsen, nascido em 18 de outubro de 1917. Casou-se em 09 de agosto de 1939 em Blumenau com **Edith Koenig**, nascida em 16/10/1918 em Massaranduba. Tiveram 3 filhos.

— 0 —

FILHOS DE HERTA THOMSEN E HELMUTH VOGEL

Nascidos em Indaial

Elvira Vogel, nascida em 10 de junho de 1935, casou-se em 30/06/1965 em Curitiba com **Celso Amcheske Motta**, nascido em 13/06/1944. Tiveram 2 filhos:

Celso Caius Motta, nascido em 26 de agosto de 1965 em Curitiba.

Marco Aurélio Motta, nascido em 04/11/1966 em Curitiba.

Nelson Vogel, nascido em 23 de fevereiro de 1937, casou-se em 11 de agosto de 1962 em Badenfurt com **Alida Baehr**, nascida em 26/08/1938 em Blumenau. Tiveram 1 filha:

Solange Rejane Vogel, nascida em 15/02/1967, casou-se em 10/05/1986 com **Carlos Roberto Schroeder**, nascido em 18/08/1965 em Blumenau.

Siegbert Vogel, nascido em 17 de maio de 1940, casou-se em 15/09/1962 com **Hildegard Ott**, nascida em 08 de maio de 1941 em Pomerode. Tiveram 4 filhos:

Silvia Vogel, nascida em 27 de fevereiro de 1963 em Testo Salto, solteira.

Celio Vogel, nascido em 11 de dezembro de 1964 em Testo Salto, solteiro.

Rosemeri Vogel, nascida em 28 de abril de 1967, casou-se com **Valdecir Tadeu**, nascido em 28/10/1963 em Blumenau.

Jonas Vogel, nascido em 26 de julho de 1968 em Testo Salto, solteiro.

Ildefonso Vogel, nascido em 08 de abril de 1942, casou-se em 21/07/1964 com **Eli Kopsch**, nascida em 21/07/1946 em Indaial. Tiveram 3 filhos:

Sueli Vogel, nascida em 21/09/1964, casou-se em 21/02/1987 com **Diomar Velter**, nascido em 08/10/1963 em Povoado Redondo.

Noeli Vogel, nascida em 30/03/1968

em Indaial, solteira.

Itamar Vogel, nascido em 10 de dezembro de 1975, em Blumenau, solteiro.

Yolanda Vogel, nascida em 25 de julho de 1944, casou-se em 13/02/1965 em Agrolândia com **Adolfo Koek**, nascido em 07/07/1943 em Agrolândia. Tiveram 2 filhos:

Charles Koek, nascido em 24 de março de 1966, em Agrolândia, faleceu em 21/02/1987 em Blumenau.

Janete Koek, nascida em 02/07/1969 em Agrolândia, solteira.

Helmuth Rubens Vogel, nascido em 15/10/1946, casou-se em 30/09/1972 em Indaial com **Dorly Leitzke**, nascida em 13/06/1952. Tiveram 2 filhos:

Gontram Vogel, nascido em 14 de janeiro de 1975 em Indaial.

Nicoli Morgana Vogel, nascida em 30/09/1983 em Indaial

Lorenz Vogel, nascido em 29 de agosto de 1948, casou-se em 20/03/1980 em Indaial com **Helga**, viúva **Sievert**, nascida em 24/07/1931 em Agrolândia.

Otmar Vogel, nascido em 28 de julho de 1950, faleceu em 24/05/1987 em Pomedore. Casou-se com **Ruth Krieger**, nascida em 29/11/1950 em Blumenau. Tiveram 1 filho:

Jean Pieri Mikel Vogel, nascido em 31/08/1979 em Blumenau.

Mariana Vogel, nascida em 13 de outubro de 1952, casou-se em Curitiba com **Darci Ferreira Borges**, nascido em 15/11/1950. Tiveram 3 filhos:

Antonio Carlos Ferreira Borges, nascido em 10/07/1972, em Curitiba.

André Luiz Ferreira Borges, nascido em 03/12/1976, em Curitiba.

Ana Maria Ferreira Borges, nascida em 30/05/1983, em Curitiba.

— 0 —

FILHOS DE LINA THOMSEN E HEINRICH GRAHL

Nascidos em Presidente Getúlio

Iracema Grahl, nascida em 04 de julho de 1935, casou-se em 24/04/1954 em Presidente Getúlio com **Ewald Baehr**, nascido em 07/07/1929 em Blumenau. Tiveram 3 filhos:

Lidia Baehr, nascida em 05/01/1957 em Taió, casou-se em 26/02/1977 com **João Mayer**, nascido em 28/03/1956 em Rio do Sul. Tiveram 2 filhos:

Henrique Mayer, nascido em 09 de maio de 1979 em Blumenau.

Helena Mayer, nascida em 19 de dezembro de 1981 em Blumenau.

Yolanda Baehr, nascida em 13 de abril de 1958 em Taió, casou-se com **Roberto Amara**, nascido em 16/08/1951 em Blumenau. Tiveram 3 filhos:

Daniel Amara, nascido em 04 de janeiro de 1978 em Blumenau.

Daniéli Amara, nascida em 02 de agosto de 1980 em Blumenau.

Leonardo Amara, nascido em 24 de maio de 1985 em Blumenau.

Martinho Baehr, nascido em 16 de março de 1963 em Blumenau, solteiro.

Adalberto Grahl, nascido em 03 de janeiro de 1937, casou-se em Panambi (RS) com **Anneliese Hinz**. Tiveram 3 filhos:

Nelsi Grahl, nascida em 29/03/1966 em Panambi.

Iria Grahl, nascida em 24/07/1967 em Panambi.

Roni Grahl, nascido em 04/03/1969 em Panambi.

Vigold Grahl, nascido em 24 de junho de 1939. Casou-se com **Ivandina Alves**, nascida em 07/03/1941. Tiveram 4 filhos:

Orival Grahl, nascido em 19 de outubro de 1963 em Presidente Getúlio.

Ieda Grahl, nascida em 22/04/1965 em Presidente Getúlio.

Iara Grahl, nascida em 14/06/1966 em Presidente Getúlio.

Rogero Grahl, nascido em 05 de janeiro de 1973 em Presidente Getúlio.

Edla Grahl, nascida em 10/10/1941, casou-se em 04/05/1963 com **Ingoberito Klann**, nascido em 05/03/1942 em Presidente Getúlio. Tiveram 4 filhos:

Wilson Klann, nascido em 23 de dezembro de 1964, casou-se em 28 de fevereiro de 1986 com **Ingrid Dorow**.

Nilton Klann, nascido em 30 de setembro de 1966 em Presidente Getúlio.

Wilma Klann, nascida em 05 de maio de 1972 em Presidente Getúlio.

Adilson Klann, nascido em 29 de outubro de 1980 em Presidente Getúlio.

Olivia Grahl, nascida em 24 de julho de 1943, casou-se com **Edgar Danehel**, nascido em 07/03/1941 em Presidente Getúlio. Tiveram 2 filhos:

Dalice Danehel, nascida em 18 de abril de 1964 em Presidente Getúlio, ca-

sou-se em 25/07/1987 com **Lourival Geyer**.

Deonísio Danehel, nascido em 05 de dezembro de 1969.

Christa Grahl, nascida em 24 de julho de 1943 (gêmea de Olivia), casou-se com **Ralf Rabitz**. Tiveram 4 filhos:

Aneta Rabitz, nascida em 30 de janeiro de 1965 em Presidente Getúlio.

Dieter Rabitz, nascido em 12 de fevereiro de 1968 em Presidente Getúlio.

Margarete Rabitz, nascida em 14 de janeiro de 1976 em Presidente Getúlio.

Christiane Rabitz, nascida em 14 de dezembro de 1981 em Presidente Getúlio.

Friedolin Grahl, nascido em 13 de novembro de 1950, casou-se em 28 de julho de 1971 com **Ingelore Naffin**, nascida em 15/05/1951 em Trombudo Central. Tiveram 4 filhos:

Joacir Grahl, nascido em 29 de março de 1972 em Presidente Getúlio.

Eliane Grahl, nascida em 19 de dezembro de 1977 em Presidente Getúlio.

Eliseti Grahl, nascida em 04 de novembro de 1979 em Presidente Getúlio.

Fabiane Grahl, nascida em 10 de abril de 1987 em Presidente Getúlio.

— 0 —

FILHOS DE ADOLFO THOMSEN E HILDA TRAPP

Nascidos em Presidente Getúlio

Geraldo Thomsen, nascido em 27 de outubro de 1939, faleceu em 30 de novembro de 1977, em Blumenau. Casou-se com **Irma Zicka**, nascida em 08/05/1940 em Blumenau. Tiveram 2 filhas:

Andreia Thomsen, nascida em 04 de outubro de 1972 em Blumenau.

Adriana Thomsen, nascida em 03 de janeiro de 1977 em Blumenau.

Gerda Thomsen, nascida em 22 de fevereiro de 1943, faleceu em 29 de janeiro de 1976 em Indaial. Casou-se com **Lino Eskelsen**, nascido em 13/04/1943 em Presidente Getúlio. Casaram-se em Blumenau em 26/07/1969. Tiveram 1 filha:

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

Elisa Eskelsen, nascida em 22 de janeiro de 1976 em Blumenau.

Martin Thomsen, nascido em 14 de outubro de 1946, casou-se em 24 de novembro de 1978 em Indaial com **Gisela Reichel**, nascida em Timbó.

Anneliese Thomsen, nascida em 18 de dezembro de 1948, solteira.

— 0 —

FILHOS DE LEOPOLDO THOMSEN E EDITH KOENIG

Horst Udo Thomsen, nascido em 22/02/1941 em Blumenau, casou-se com **Renata Brandel**, nascida em 02/08/1943 em Timbó. Tiveram 2 filhos:

Taurio Thomsen, nascido em 29 de março de 1960, casou-se em Blumenau em 06/05/1978 com **Isolina de Oliveira**, nascida em 12/01/1957.

Maike Thomsen, nascida em 1968, faleceu aos 3 meses.

— Segundas núpcias de **Horst Udo Thomsen**, com **Edite Leandro**, nascida em 08/03/1946 em São José dos Pinhais (PR). Tiveram 3 filhos:

Marcelo Thomsen, nascido em 04 de abril de 1972 em São José dos Pinhais.

Tatiana Thomsen, nascida em 10 de maio de 1981 em São José dos Pinhais.

Marcia Thomsen, nascida em 10 de maio de 1981 (gêmea de Tatiana) em São José dos Pinhais.

Kuniberto Thomsen, nascido em 06 de dezembro de 1943 em Blumenau. Casou-se em 17/07/1965 com **Tunila Manske**, nascida em 19/08/1945 em Jaraguá do Sul. Tiveram 3 filhos:

Roseli Thomsen, nascida em 11 de janeiro de 1966 em Jaraguá do Sul.

Rudolfo Thomsen, nascido em 26 de setembro de 1967 em Jaraguá do Sul.

Rogério Otto Thomsen, nascido em 13/01/1973 em Jaraguá do Sul.

Heinz Thomsen, nascido em 06 de abril de 1951 em Presidente Getúlio, casou-se em 15/04/1972 com **Maria Clarice Moretti**, nascida em 01/08/1949 em Corupá. Tiveram 1 filho:

Edson Thomsen, nascido em 18 de maio de 1973 em Jaraguá do Sul.

— 0 —

FILHOS DE ELLA THOMSEN E FRANZ LETZOW

Elisabeth Letzow, nascida em 22 de

fevereiro de 1915 em Weissbach, Blumenau, solteira.

Hilda Letzow, nascida em 28 de setembro de 1916 em Weissbach, Blumenau. Casou-se em 11/05/1935 em Blumenau com **Julio Germer**, nascido em 11/05/1911 na Velha, Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Ingeburg Germer, nascido em 22 de maio de 1936 em Blumenau, casou-se em 15/09/1956 com **Wilson Koprowski**, nascido em 24/03/1934 em Indaial, falecido em 1981. Tiveram 2 filhos:

Renato Koprowski, nascido em 10 de agosto de 1958 em Blumenau, casou-se em 21/05/1980 com **Veronica Quintino**, nascida em 16/08/1958. Tiveram 1 filha:

Maritza Koprowski, nascida em 01 de fevereiro de 1983, em Blumenau.

Marcia Koprowski, nascida em 22 de abril de 1963 em Blumenau, casou-se em 23/04/1983 com **Silvio Feltrin**, nascido em 03/03/1957 em Blumenau.

Ivo Norberto Germer, nascido em 12/12/1944 em Blumenau. Casou-se em 16/09/1967 em Rio do Sul com **Mauren Dorit Bekker**, nascida em 13/10/1945. Tiveram 3 filhas:

Aurena Karla Germer, nascida em 24/06/1970 em Blumenau.

Ellen Kathia Germer, nascida em 15/08/1972 em Blumenau.

Lilian Anette Germer, nascida em 19/01/1977 em Blumenau.

Victor Letzow, nascido em 18 de novembro de 1917 em Weissbach, Blumenau, faleceu em 11/12/1919 em Weissbach, Blumenau.

Arno Letzow, nascido em 19 de junho de 1919 em Weissbach, Blumenau, casou-se em 15/08/1942 em Blumenau com **Paula Mendes**. Tiveram 2 filhos:

Ivone Letzow, nascida em 08 de novembro de 1944 em Blumenau. Casou-se em 27/09/1968 em Blumenau com **Mauro Ribas Filho**, nascido em 07/01/1940 em Rio Azul (PR). Tiveram 2 filhos:

Mauro Cesar Ribas, nascido em 29 de novembro de 1971 em Blumenau.

Maria Helena Ribas, nascida em 09 de dezembro de 1974 em Blumenau.

Cláudio Letzow, nascido em 07 de agosto de 1948 em Blumenau. Casou-se em 03/09/1974 com **Rosita Maria Buerger**, nascida em 07/02/1954 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Maria Claudia Buerger Letzow, nascida em 22/11/1976 em Blumenau.

Stefan Buerger Letzow, nascido em 27/04/1979 em Blumenau.

— 0 —

FILHOS DE LINA THOMSEN E EMILIO KOCK

Ruth Kock, nascida em 21/10/1917, solteira.

Ralph Kock, nascido em 08/02/1927, casou-se em 20/10/1955 em Brusque com **Anita Gums**, nascida em 17 de agosto de 1937 em Brusque e falecida em 20/06/1968 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Vera Kock, nascida em 27/10/1956 em Blumenau. Casou-se com **Airton Luiz Pessoa**, nascido em 25/04/1957 em Blumenau. Tiveram 3 filhos:

Omar Fernando Pessoa, nascido em 14/06/1983 em Blumenau.

Fabio Luiz Pessoa, nascido em 09 de março de 1985 em Blumenau.

Marcelo Bruno Pessoa, nascido em 11/09/1986 em Blumenau.

Breno Kock, nascido em 09/04/1960 em Blumenau, solteiro.

— Segundas núpcias de **Ralph Kock**, em 20/12/1969 com **Odete Maria Poepper**, nascida em 06/01/1945 em Blumenau. Tiveram 1 filho:

Edmar Kock, nascido em 17 de janeiro de 1972 em Blumenau.

Reinwald Kock, nascido em 17 de setembro de 1933. Casou-se com **Edda Willering**, nascida em 10/04/1937 em Blumenau. Tiveram 6 filhos:

Ronaldo Kock, nascido em 17 de setembro de 1960.

Stefan Kock, nascido em 13 de dezembro de 1961, casado com **Rosângela Souza**.

Katia Kock, nascida em 30 de outubro de 1963.

Sidney Kock, nascido em 17 de setembro de 1967.

Thomas Kock, nascido em 21 de setembro de 1969.

Tatiana Kock, nascida em 03 de julho de 1973.

— 0 —

FILHOS DE RICARDO THOMSEN E ANNA KAUN

Nascidos na Velha Central

Harry Thomsen, nascido em 04 de

abril de 1918, casou-se em 06/09/1947 em Indaial com **Cecilia Persuhn**, nascida em 19/04/1921. Tiveram 4 filhos:

Ralf Thomsen, casou-se com **Isi Ladewig**.

Anita Thomsen, casou-se com **Aristides Chiquela**. Tiveram 3 filhos.

Arno Thomsen, casou-se com **Rosa Risoni**. Tiveram 2 filhas.

Elsa Thomsen, casou-se com **Ireneu Marcos**. Tiveram 2 filhos.

Wiegand Thomsen, nascido em 07 de abril de 1919. Faleceu em 1970 em Pomerode.

Willy Thomsen, nascido em 23 de março de 1920 e faleceu em 1979 em Dona Emma. Casou-se com **Hildegard Juenger**. Tiveram filhos.

Artur Thomsen, nascido em 15 de outubro de 1921 e faleceu em 1922.

Walli Thomsen, nascida em 11 de junho de 1923, casou-se em 08/11/1947 com **Victor Grossklags**, nascido em 04 de junho de 1922 em Rio do Testo. Tiveram 4 filhos, nascidos em Pomerode:

Cacilda Grossklags, nascida em 04 de março de 1948, casou-se com **Loriwal Greuel**. Tiveram 2 filhos:

Peter Christian Greuel, nascido em 03/05/1966.

Guilheraine Greuel, nascido em 21 de julho de 1968.

Eurides Grossklags, nascido em 21 de setembro de 1949, casou-se em 04 de abril de 1969 com **Ruwena Butzke**. Tiveram 2 filhos:

Marcia Andrea Grossklags, nascida em 29/08/1969.

Frank Douglas Grossklags, nascido em 18/10/1972.

Annemaria Grossklags, nascida em 03/01/1955. Casou-se com **Carlos Nielow**, nascido em 01/09/1952. Tiveram 3 filhos:

Iwam Rubio Nielow, nascido em 21/01/1973.

Fabio André Nielow, nascido em 09/09/1977.

Jean Carlos Nielow, nascido em 10 de dezembro de 1986.

Nilson Grossklags, nascido em 03 de outubro de 1957. Casou-se com **Hildegard Levin**, tiveram 2 filhos.

Cassio Deniz Grossklags, nascido em 13/04/1978.

Catia Michele Grossklags, nascida em 15/12/1980.

Walter Thomsen, nascido em 17 de maio de 1924, casou-se com **Gerda Blütgen**, nascida em 03/12/1923 em In-

daial. Tiveram 4 filhos, nascidos em Indaial:

Heinz Thomsen, nascido em 15 de setembro de 1949, casou-se com **Violeta Persuhn**, nascida em 18/11/1950 em Indaial. Tiveram 3 filhos:

Miriam Thomsen, nascida em 22 de outubro de 1971.

Sandra Thomsen, nascida em 16 de outubro de 1973.

Elhezer Rubem Thomsen, nascido em 01/12/1981.

Walfred Thomsen, nascido em 16 de janeiro de 1952.

Siegfried Thomsen, nascido em 30 de outubro de 1955, casou-se com **Gilani Regina Silveira**, nascida em 12 de agosto de 1964. Tiveram 1 filha:

Sandra Regina Thomsen, nascida em 22/07/1982.

Siegmar Thomsen, nascido em 17 de maio de 1960, solteiro.

Hugo Thomsen, nascido em 10 de outubro de 1925, casou-se com **Amanda Roeder**, nascida em 18/09/1923 em Pomerode e falecida em 18/04/1976 em Pomerode. Não tiveram filhos.

— Segundas núpcias de **Hugo Thomsen**, em 04/03/1978 em Pomerode com **Hildegard Borchard**, nascida **Behling** e falecida em 08/09/1987 em Pomerode.

Salli Thomsen, nascida em 26 de fevereiro de 1927, casou-se em 21/01/1954 em Blumenau com **Victor Kannenberg**, nascido em 28/05/1930 em Trombudo. Tiveram 4 filhos:

Hilário Kanenberg, nascido em 10/07/1954 em Blumenau, casou-se com **Rosita Buttenberg**, nascida em 09 de agosto de 1955. Tiveram 2 filhos:

John Klaus Kanenberg, nascido em 02/09/1977.

Charles Fernando Kanenberg, nascido em 21/06/1981.

Iria Kanenberg, nascida em 07 de abril de 1956 em Pomerode. Casou-se com **Ademar Klotz**, nascido em 02 de junho de 1950. Tiveram 1 filho:

Simone Klotz, nascida em 02 de janeiro de 1981.

Handi Kanenberg, nascida em 04 de junho de 1957 em Pomerode. Casou-se com **Herbert Sprung**, nascido em 21 de setembro de 1957. Tiveram 2 filhos:

Vanderleia Sprung, nascida em 08 de janeiro de 1978.

Natalicio Sprung, nascido em 15 de dezembro de 1982.

Irineu Kanenberg, nascido em 02 de julho de 1966 em Pomerode. Solteiro.

Melanie Thomsen, nascida em 07 de março de 1928 e faleceu em 09/07/1983. Casou-se com **Alfons Siebert** em Blumenau. Mudaram-se para Camboriú e tiveram 5 filhos.

Nanni Thomsen, nascida em 16 de junho de 1930. Casou-se em 23/04/1952 com **Ewaldo Kurtz**, nascido em 02 de abril de 1923, em Blumenau. Tiveram 1 filho:

Eloi Kurtz, nascido em 29/07/1960, solteiro.

Harold Thomsen, nascido em 20 de julho de 1931 e faleceu em 1982 em Pomerode. Era casado com **Cilli Klitzke**.

— 0 —

FILHOS DE RODOLFO THOMSEN E OTILIA WEHMUTH

Erna Thomsen, nascida em 17 de dezembro de 1925 na Velha Central, Blumenau. Casou-se em 05/10/1946 com **Martin Karsten**, nascido em 07/03/1924 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Marlies Maike Karsten, nascida em 22/05/1956 em Blumenau. Casou-se em 14/03/1980 com **Jorge Alberto Müller**, nascido em 10/01/1956 em Joinville. Tiveram 2 filhas:

Juliana Luisa Müller, nascida em 27/08/1983 em Blumenau.

Isabel Cristina Müller, nascida em 12/07/1985 em Blumenau.

Fred Rubens Karsten, nascido em 19/10/1960 em Blumenau, solteiro.

Irene Thomsen, nascida em 21 de dezembro de 1928 na Velha Central, Blumenau, solteira.

Edgar Thomsen, nascido em 25 de maio de 1931 na Velha Central, Blumenau. Casou-se em 29/12/1951 com **Adelaide Goebel**, nascida em 04/12/1930 em Presidente Getúlio. Tiveram 2 filhos:

Dieter Thomsen, nascido em 11 de fevereiro de 1953 em Blumenau. Casou-se com **Marion Scheidemantel**, nascida em 11/05/1952 em Blumenau, no dia 01/03/1975. Tiveram 3 filhos.

Dieter Thomsen Filho, nascido em 25/09/1976 em Campinas (SP).

Patrik Thomsen, nascido em 29 de dezembro de 1979 em Blumenau.

Erik Thomsen, nascido em 24 de julho de 1984 em Campinas (SP).

Dietmar Thomsen, nascido em 11 de junho de 1959 em Blumenau. Casou-se com **Rosana Helena Beucke**, nascida em 24/03/1966 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Diogo Thomsen, nascido em 23 de fevereiro de 1984 em Blumenau.

Camila Thomsen, nascida em 14 de julho de 1986 em Blumenau.

Asta Thomsen, nascida em 07 de março de 1934 em Blumenau. Casou-se em 1957 com **Egon Georg** em Blumenau. Tiveram um filho:

Klaus Georg, nascido em 09 de julho de 1960 em Blumenau

Otmar Thomsen, nascido em 30 de outubro de 1938 em Blumenau. Casou-se em 10/09/1960 com **Dalila Adelina Zastrow**, nascida em 07/11/1941 em Pomerode. Tiveram 2 filhos:

Sergio Roberto Thomsen, nascido em 05/04/1967 em Blumenau.

Jean Carlo Thomsen, nascido em 09/01/1973 em Blumenau.

— 0 —

FILHOS DE AUGUST THOMSEN E BERTHA MATHES

Walter Thomsen, nascido em 22 de setembro de 1892 em Blumenau e faleceu em 05/07/1967 em Blumenau. Casou-se com **Paula Grassmann**, nascida em 19/01/1902 em Blumenau, e falecida em 27/06/1982 em Blumenau. Tiveram 2 filhas:

Nina Thomsen, nascida em 18 de outubro de 1927 em Blumenau, casou-se em 14/05/1949 em Blumenau com **Henry Gotthard Otto Kaesemodel**, nascido em 19/04/1924 em Joinville. Tiveram 2 filhos:

Henry Walter Gotthard Kaesemodel, nascido em 07/04/1952 em São Paulo (SP). Casou-se em 03/09/1977 com **Eliane Barmann**, nascida em 10 de maio de 1953.

Oliver Henry Kaesemodel, nascido em 21/03/1957 em São Paulo (SP). Casou-se em 28/03/1981 com **Maria Albertina Teixeira**, nascida em 23/07/1955 em São Paulo (SP).

Livia Thomsen, nascida em 12 de dezembro de 1935 em Blumenau, casou-se com **Horst Kurt Starke**, nascido em 15/07/1934 em Blumenau. Tiveram 3 filhos:

Katja Starke, nascida em 10/03/1957 em Blumenau. Casou-se com **Sergio**

Roberto dos Santos, nascido em 27 de março de 1956 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Anderson Luiz dos Santos, nascido em 07/02/1982.

André Felipe dos Santos, nascido em 07/03/1984.

Tanja Starke, nascida em 26 de março de 1959 em Blumenau. Casou-se com **Wilmar Roberto Parucker**, nascido em 10/06/1959 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Roberto Parucker, nascido em 31 de março de 1981.

Rodrigo Parucker, nascido em 29 de setembro de 1986.

Jakson Thomsen Starke, nascido em 10/05/1969, solteiro.

Eliese Thomsen, nascida em 24 de janeiro de 1895 em Blumenau. Faleceu em 17/05/1985 em Blumenau. Casou-se em 23/02/1923 com **Alfred Michelmann**, nascido em 23/06/1894 em Blumenau e falecido em 12/12/1961 em Blumenau. Tiveram 1 filha:

Alzira Michelmann, nascida em 07 de abril de 1926 em Blumenau.

Else Thomsen, nascida em 28 de agosto de 1898 em Blumenau. Faleceu em 13/10/1985 em Blumenau. Casou-se com **Rudolf Lueders**, nascido em 01 de novembro de 1891 em Blumenau e falecido em 16/06/1941 em Blumenau. Não tiveram filhos.

Olga Thomsen, nascida em 09 de outubro de 1902 em Blumenau. Faleceu em 26/07/1985 em Blumenau. Casou-se com **Wilhelm Toewe**, nascido em 16/11/1898 e falecido em 27/08/1979. Tiveram 2 filhos:

Wittig Toewe, nascido em 06 de janeiro de 1939 em Blumenau. Casou-se em 15/12/1972 com **Ruth Sievert**, nascida em 22/09/1939. Tiveram 1 filha:

Adriane Toewe, nascida em 17 de novembro de 1981.

Norma Toewe, nascida em 04 de dezembro de 1931 em Blumenau, solteira.

Otto Thomsen, nascido em 25 de dezembro de 1906 em Blumenau. Faleceu em 08/07/1940 em Ibirama. Casou-se em 30/07/1930 com **Anna Helene Rauch**, nascida em 17/07/1907. Tiveram 3 filhos:

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial Blumenauense.

Jutta Asta Thomsen, nascida em 06/09/1930 em Ibirama, casou-se em 29/11/1947 com **Moritz Mette**, nascido em 06/08/1928 em Blumenau. Tiveram 4 filhos:

Marisa Mette, nascida em 03 de fevereiro de 1950, casou-se em 1970 com **Celio Schulz**, nascido em 28/10/1949. Tiveram 3 filhos:

Sidney Marcelo Schulz, nascido em 08/01/1972 em Blumenau.

Sandro Maycon Schulz, nascido em 15/08/1978 em Blumenau.

Eliane Cristine Schulz, nascida em 08/07/1980.

Elismar Rita Mette, nascida em 23/09/1952 em Blumenau, casou-se em 27/01/1975 em Blumenau com **José Antonio Priem**, nascido em 28/07/1950 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Fabio Roberto Priem, nascido em 21/08/1975 em Blumenau.

Angela Sueli Priem, nascida em 02/08/1979 em Blumenau.

Helga Mette, nascida em 29/06/1954 em Blumenau, casou-se em 01/1980 com **Heinz Hausmann**, nascido em 11/06/1952 em Blumenau. Tiveram 1 filha:

Joseana Hausmann, nascida em 06/1982.

Mauricio Rodolfo Mette, nascido em 08/05/1960 em Blumenau, solteiro.

Walfriedo Norberto Thomsen, nascido em 27/09/1932 em Ibirama, casou-se em 18/11/1961 com **Vera Baumgarten**, nascida em 15/04/1945 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Rosane Margareth Thomsen, nascida em 10/11/1962, casou-se em 11/1979 com **Arthur Machado**, nascido em 03 de maio de 1960 em Blumenau. Tiveram 1

filha:

Janayna Helene Machado, nascida em 22/03/1980 em Blumenau.

Walfriedo Otto Thomsen, nascido em 28/03/1966, casou-se em 29/08/1987 com **Solange Rocha**, nascida em 07 de julho de 1962 em Blumenau.

Mário Thomsen, nascido em 17 de junho de 1934 em Ibirama, casou-se em 15/11/1958 com **Elfi Schoenau**, nascida em 24/06/1934 em Blumenau. Tiveram 3 filhos:

Alan Roger Thomsen, nascido em 26/11/1959 em Ibirama, casou-se em 07/05/1983 com **Rosa Maria Pisser**, nascida em 09/12/1959. Tiveram 1 filho:

Eduardo Alex Thomsen, nascido em 09/03/1987 em Blumenau.

Jean Maire Thomsen, nascida em 09/12/1964 em Blumenau, solteira.

James Roney Thomsen, nascido em 09/01/1969 em Blumenau, solteiro.

Gertrud Thomsen, nascida em 03 de julho de 1915, casou-se em 16 de outubro de 1937 com **Hermann Augenstein**, nascido em 02/07/1905 em Elmendigen, Alemanha. Tiveram 2 filhos:

Dietmar Augenstein, nascido em 26/12/1939 em Blumenau, casou-se com **Waltraud Fei**, nascida em 30/05/1934 em Presidente Getúlio. Tiveram 1 filha:

Adriana Andreia Augenstein, nascida em 30/12/1975 em Blumenau.

Dietlind Augenstein, nascida em 22/04/1942 em Blumenau, casou-se com **Romar Torres**, nascido em 02/11/1942 em Blumenau. Tiveram 2 filhas:

Fabiola Torres, nascida em 24 de abril de 1972 em Blumenau.

Fabiana Torres, nascida em 10 de junho de 1974 em Blumenau.

VOÇÊ SABIA?

— QUE o “Graf Zeppelin”, desde que iniciou suas viagens pelo mundo, em 1928, ao completar cinco anos de viagens, havia efetuado 300 cruzeiros, incluindo viagem às regiões Árticas e 48 vôos transatlânticos. Percorreu 690.000 quilômetros, transportou 17.500 pessoas, 36.000 quilos de carga, 20.000 quilos de correspondência, tendo voado, ao todo, mais de 7.000 (sete mil) horas?

— QUE no dia 30 de julho de 1933, com tocante solenidade, foi realizado o ato de inauguração dos dois altares laterais da então Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo (de saudosa memória) e que a missa campal, realizada às 8:30, foi celebrada pelo então vigário local Frei Modestino Oechtering?

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

Duas cartas de leitores, alguns telefonemas e reclamações pessoais. Todos dizem que não tenho “comentado” os livros publicados, mas apenas os registro. Ainda que agradecido pelo interesse, que mostra que lêem minhas notas, devo dar um esclarecimento.

Nunca foi pretensão da coluna “comentar” todos os livros que recebo, muito menos os publicados. Isso seria impossível, principalmente porque a maioria é de ensaios históricos, de análise literária, teses, dissertações e trabalhos sobre temas variados. Embora eu também me dedique ao ensaio, o compromisso da coluna é com a ficção e a poesia, isto é, com a arte literária propriamente dita, com a literatura *stricto sensu*. Não há nisso nenhum despreço pelos demais gêneros — tanto que tudo tenho registrado aqui, — mas para eles existem lugares próprios, publicações especializadas, como acontece mesmo com “Blumenau em Cadernos”, integralmente dedicada à recuperação das coisas do passado e ao estudo de temas históricos.

O objetivo principal da coluna é focalizar, ainda que com brevidade, a obra de criação literária, o trabalho de construção, o engenho e a arte de dar vida a fatos não vividos, àquilo, enfim, que o crítico Álvaro Lins chamava a “guerra sem testemunhas”. Coisa que, por sinal, não vai bem em nosso Estado, onde há demasiados autores e cada vez menos escritores.

Perdoem-me, pois, os que labutam em outros campos, mas só excepcionalmente poderei analisar seus trabalhos, embora procure anotar com diligência todos eles.

E já que falei em ensaios, registro o recebimento de diversos deles, alguns mais antigos, outros mais recentes. Entre os primeiros, destaco “Povoamento — Imigração — Colonização” (A Fundação de Blumenau e Joinville), de Adolfo Bernardo Schneider, livro de muito fôlego, de intensa pesquisa, e que merece a atenção dos aficionados do gênero; “O Pensamento Político de Crispim Mira”, de autoria do Prof. Edmundo Vegini, publicado na Revista “Ágora” (órgão da A. A. A. P. / SC — 1987), excerto de uma alentada tese, ainda inédita, elaborada sobre o grande escritor catarinense. Entre os mais recentes, refiro “Cs Carijós lá nas Raízes”, de Theobaldo Costa Jamundá, edição do I. H. G. / SC, onde o conhecido ensaísta revela mais uma vez seu amor à pesquisa e à investigação das coisas do passado; “Em Revista n.º 18”, publicação da Editora do Escritor, contendo ensaios de

diversos autores, entre eles o catarinense Péricles Prade e o titular desta coluna, publicação essa que é o “carro-chefe” da editora dirigida por Luz e Silva, e que vem se mantendo há tantos anos apesar das dificuldades enfrentadas pelos periódicos desse tipo. Anoto, por fim, o livro “Interpretações Críticas”, de autoria do mesmo Luz e Silva e da mesma editora, onde ele reúne alguns dos seus mais recentes textos analíticos, abordando inclusive obras de Péricles Prade e do autor desta coluna.



Embora pródigo em ensaios, o período foi fraco em ficção e poesia. No romance, no conto e na crônica nada, praticamente, foi publicado. Anuncia-se novo livro de Salim Miguel. Na poesia, destaco a publicação do volume “Poetas Independentes”, realização da Associação de Poetas e Escritores Independentes de Blumenau (A.P.E.I.), que finalmente conseguiu realizar o seu intento de colocar em livro a produção de seus integrantes. E para concluir destaco o livro “Céu em Miniatura”, de José Jaime Varela, poeta da cidade de Concórdia, infelizmente mal divulgado em outras regiões do Estado, mas contendo poemas de boa qualidade. Naquela região, por sinal, vem se desenvolvendo um movimento literário que tem contado sobretudo com o decidido apoio da Prefeitura da pequena cidade de Ipumirim. Parabéns!

Para encerrar a coluna deste mês, peço vênia para transcrever, à guisa de agradecimento, algumas opiniões mais recentes sobre meus últimos livros. São elas:

“Meu amigo Hélio Bruma” é um excelente estudo sobre o grande Lobato, merecedor, pela sua vida e sua obra, de análises como a sua. Parabéns muitos e muitos.” (Plínio Doyle — Rio de Janeiro).

“Agradeço vivamente os seus trabalhos mais recentes, “Sete Causos Nânicos” e “Meu Amigo Hélio Bruma”, em cujas páginas cintilantes se alteia um escritor maiúsculo que, em duas vertentes distintas, o conto e o ensaio, engrandece superiormente a literatura catarinense e brasileira” (João Manuel Simões — Curitiba).

“Leitura leve, bem estruturada e com aquela linguagem enxuta e correta que você tem.” (Clóvis Moura — São Paulo).

“Sete Causos Nânicos”, eu reli e passei adiante, ajudando a formar uma corrente de leitores, aqui, no ex-sertão paulista, hoje parque industrial em expansão, leitores e admiradores, naturalmente, e minha velha mãe (78 anos, quase), é sua fã incondicional.” (Uilson Pereira — Araraquara).

“A sua linguagem está se depurando — falei nisso ao Benedito Luz e Silva. Escrever não é fácil. É uma tessitura harmônica tão complicada e sensível que só quem se dá ao trabalho se apercebe dis-

so. Você está alcançando o que eu não consegui: concentrar a ação narrativa em página ou página e meia. Conto episódico com elevado poder de síntese. Aprisionar em poucas palavras um universo imenso de vivência e tensões. Uma espécie assim de miniaturista do conto. Gostei de mergulhar mais fundo no universo de "Erva-Mãe". (Salasar Marques — Santos).

"Muito interessante o livro sobre Lobato. Vejo que você é um lobatiano de primeira. Conhece a fundo a obra e a vida do criador do Jeca Tatu." (Nilto Maciel — Brasília).

"Li com muito gosto esses dois livros. Naturalmente que no primeiro, acerca de seu amigo Hélio Bruma, é que o meu interesse de leitura se acentuou, pois constata-se, por ela, que o seu espírito fraternal e humanista vem sempre ao de cima nos seus (tão bem) escritos, de que me honro possuir alguns... Penso que está mesmo de parabéns por esta tão agradável iniciativa, de reavivar a lembrança dos leitores acerca de homens que mereceram, e merecem, o respeito dos seus concidadãos mas que, por vezes inexplicavelmente, são votados a um ostracismo incompreensível e injusto." (A. Vicente Campinas — Lisboa — Portugal).

A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes

"Colônia Blumenau, 7 de dezembro de 1855.

Meu querido e bom pai!

Eu sempre encaro com medo a hora que preciso escrever-lhe, não que eu não goste de escrever, mas sim por ter que dar notícias tristes. Já que não posso e nem devo esconder alguma coisa de você e somente escrever a verdade nua e crua, seja ela triste ou alegre. Oh! meu querido pai, como tudo transformou-se tão rapidamente, onde há poucas semanas encontrava-se campos floridos e vistosas plantações. O feijão estava bonito, a mandioca também, apesar do tempo úmido do ano passado. E agora, que tristeza, no Vale do Itajaí somente lamentações se ouve por todos os lados. Três dias de intensa chuva fez o

rio Itajaí passar as margens. No seu caminho destruidor arrastava tudo consigo, casas e estrebrias, assim como grande quantidade de terra.

A maioria das pessoas fugiu de casa, abrigando-se nos morros e locais mais altos. Foi quando perderam grande parte de seus pertences e dos suprimentos. Muitos ainda não haviam vendido sua safra como o açúcar e a aguardente. Tudo foi agora consumido e destruído pela água, que agora vão rapidamente passava as margens e levava tudo consigo. Muitas pessoas procuraram salvar seus pertences, mas somente conseguiram salvar a própria vida. Muito gado e porcos morreram mas felizmente nenhuma pessoa.

Também na minha colônia, o aspecto é desolável e mesmo ago-

ra as lágrimas me vêm aos olhos. Todo o trabalho da prendada Gretchen, minha querida esposa, foi todo em vão. Eu avalio meu prejuízo em cerca de 250 a 300 mil réis e esta avaliação realmente não é exagerada, considerando a dificuldade atual da agricultura. A água estava a quatro pés de altura em minha casa e muitos objetos foram perdidos. Mas imaginem vocês: os retratos de vocês ficaram intactos e hoje, além da minha querida Gretchen, são a minha alegria. Quando nós trabalhamos, suando a terra para ter o nosso parco bem-estar, me lembro como não está feliz o nosso querido Narwold. Mas desculpem, vamos mudar de assunto e deixemos as tristezas de lado. Mas meu querido pai, eu gostaria que você me comunicasse em sua próxima carta o quanto eu tenho que lhe restituir em dinheiro, e igual-

mente os juros. Agora que tenho dinheiro disponível eu quero devolver tudo à minhas irmãs. Não quero ficar devendo nada. Não ficarei tranqüilo enquanto não tiver liquidado as minhas dívidas. Agora que meu dinheiro está seguro, com juros, eu poderia ficar mais tranqüilo; mas sabendo que ainda tenho dívidas, me pesa terrivelmente. Sim meu querido pai, eu lamentei muito nesta carta, mas tive que fazê-lo. Agora mesmo eu preciso de muita ajuda para enfrentar os golpes do destino.

Você meu querido pai, não receie por mim, pois minha vida está nas mãos de Deus. Nele eu confio. Não pode continuar eternamente a ser inverno; um dia a primavera voltará. Portanto, confiança no futuro.

Julius”

(Tradução de Edith S. Elmer)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos da carta publicada a 10 de fevereiro de 1966 no “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), relativa aos voluntários da Guerra do Paraguai:

“A bordo do navio de guerra Araguari, 28 de dezembro de 1865. — Por intermédio do excelente serviço postal da marinha, tenho ocasião de enviar, semanalmente, um relato. Nosso contingente de 116 soldados e 6 oficiais — sem contar o sétimo, que está de licença, — encontra-se, conforme eu já disse em minha carta anterior, a bordo do vapor Araguari, servindo-lhe de proteção.

O serviço noturno, necessário devido à proximidade do inimigo, não nos permite dormir durante a noite e por isso o dia se passa entre dormir, comer, trabalhar um pouco ou dar um passeio a Corrientes. Lançamos âncora bem defronte da cidade, onde se acham internados na enfermaria, 9 dos nossos homens, sendo que nenhum de Dona Francisca. Os doentes sofrem de diarréia, dor de cabeça e outros pequenos males, mas não há nenhuma doença grave. A enfermaria de Corrientes, deixa muito a desejar, quanto às instalações e se acha su-

perlotada e por isso, provavelmente os doentes, logo darão o fora. O calor aqui é terrível e não menos terríveis os mosquitos.

A 24 de dezembro o Comandante Osório passou por Corrientes, avançando com as suas tropas em direção ao Passo da Pátria, onde Mitre já tomou posição com 12.000 homens, conforme se diz. Osório comanda 30.000 (?). Ontem seguiram daqui 3.000 homens, vindos de São Paulo, Ceará, Bahia e uma parte também de Santa Catarina. Diariamente chegam novas tropas, ontem mais 300 voluntários de São Paulo, entre os quais o filho do nosso Gänslly. Aqui se acham ancorados 10 navios de guerra, entre os quais um encouraçado e um monitor com torre giratória. Ainda são esperados, além de outros, 7 encouraçados e um monitor e mais 11.000 homens da Guarda Nacional. Somente após a chegada de todos eles é que as baterias do Passo da Pátria serão forçadas. Por enquanto a data prefixada para a ação é o dia 19 de janeiro. . . .”

Nosso navio juntamente com o Belmonte e o Itajaí, deverá iniciar a dança. Os argentinos, a meu ver não merecem confiança, pelo menos os de Corrientes e nem os de Entre-Rios. Decididamente eles se inclinam para o lado dos paraguaios é preciso dizer que acho isso perfeitamente natural. Em Corrientes, atualmente, não há autoridade. Reina anarquia absoluta. Os paraguaios ali gozam de muito conceito, pois estiveram ali acampados durante 6 meses, sem praticarem excessos e, além disso, teriam sido eles os mantenedores da ordem, acabando com os assassinatos nas ruas aqui bastante comuns, e dominando os bandos de índios, vindos do lado oposto do rio Paraná. Os paraguaios aqui dispõem de muitos espões e, sem dúvida, sabem de tudo que aqui se passa. . . .”

“Uma invasão por parte do inimigo é bem possível, quando realizada em noite sem luar e a grande distância, bem acima da posição da esquadra, pois a margem esquerda do Paraná está mal vigiada pelos argentinos, segundo relatos fidedignos e, além disso, os paraguaios não atiram propositadamente nos argentinos. A margem direita é território indígena, sendo assim propício à movimentação e transposição de tropas.

O plano é o seguinte: Os 3 navios acima referidos abrem o combate e em seguida os encouraçados e os monitores tomam posição de frente das baterias de costa, prosseguindo o fogo contra eles. Ao mesmo tempo, a infantaria avança para a conquista do Passo da Pátria. A esquadra continua se movimentando rio acima, com a finalidade de ultrapassar Humaitá (o que, aliás, será um osso duro de roer) e avança em conexão com as forças de terra sobre Assunção. Humaitá será bloqueada pelos encouraçados e pela infantaria. No forte de Humaitá já há falta de viveres. Os soldados ali recebem por dia somente um quarto de libra de carne de cavalo (carne de boi não existe mais) e uma espiga de milho — fato testemunhado e confirmado! Além disso há semanas já está faltando o sal. As forças brasileiro-argentinas deverão atingir o número total de 78.000 homens, sem a esquadra. Já temos sob o comando de Osório 30.000 e sob Mitre 12.000 e ontem chegaram mais 3.000. Aqui já estão acampados 5.000, sem a

esquadra. Os restantes 28.000 ainda deverão chegar. Esperamos a cada momento as baterias alemãs, cujo destacamento conhecemos em Montevideu, destacamento magnífico, todos homens experimentados, prussianos na maioria. Estavam à espera de seus canhões, em número de seis. Lembranças a todos os amigos. H.

Nota da tradutora: A carta acima foi escrita pelo voluntário joinvilense Alferes Wilhelm Hoffmann.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo

12º. Capítulo

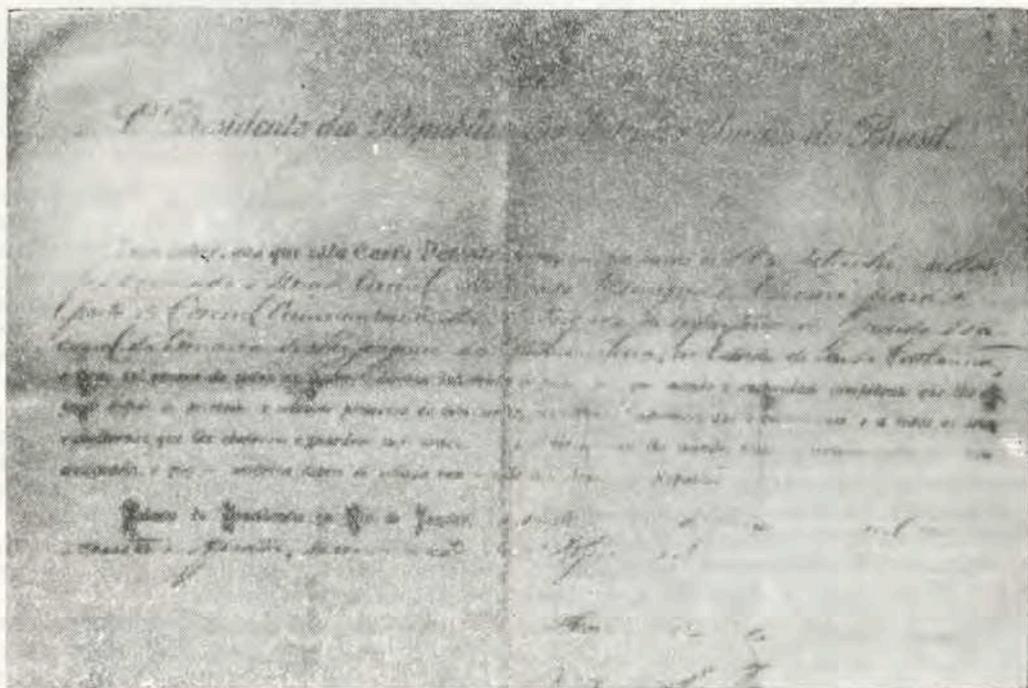
Maria Batista Nercolini

SÃO SEBASTIÃO DO ARVOREDO E SUA HISTÓRIA

É um dos mais bonitos panoramas, morros de variadas elevações, campos, riachos, belos pinheirais. Na sede poucas casas, na época uma escola dirigida pela professora Cecília Prochow, hoje contamos com boas e modernas escolas: Municipal e Estadual: Escola

Reunida São Sebastião do Arvoredo (do Estado), Escola Básica São Sebastião do Arvoredo (do Estado) tendo até 8.ª série. Diretora: Lucia Goulart Schlischteng.

Possui posto de Saúde e Telefônico. São Sebastião do Arvoredo nasceu



Patente de Tenente Coronel Fortunato Henrique de Oliveira

sob a égide do Santo São Sebastião e no comando de homens ilustres como: Cel. Fortunato Henrique de Oliveira, por isso existe a rua Cel. Fortunato Cel. Marcos Batista de Souza, um dos fundadores do Município. As esposas eram irirãs e eram antigos estancieiros, líderes naquele meio.

Primavam pela cultura, possuíam Banda Musical sob a regência do maestro Geraldo Azevedo. Assinavam jornais do Município e de outros locais, conforme noticia a "Gazeta Joaquinense" dando como representante Joaquim Mancilio Oliveira, de 1906-1909, (exemplar em nosso poder).

Essa capelinha é a mais antiga da Paróquia do Município de São Joaquim. Não podemos precisar a data de sua construção.

Sabemos que das terras do Major João Batista de Souza Neto vieram das margens do Rio Pelotas, dois troncos de ipê de boa altura, que serviu para a casinha do sino da Capela. Essa madeira veio em carretão.

A construção era de madeira, a frente com duas janelas em forma de círculo, pintadas em vermelho, e foi cuidada até 1926, mais ou menos, pela filha de João Batista de Souza Neto, Ana, casada com Sérgio de Oliveira, neto do Cel. Fortunato. Sérgio e Ana foram os últimos proprietários da sede da fazenda São Pedro. Propriedade de Marcos Batista de Souza e Maria Rodrigues de Andrade, (alunha Marica de São Pedro) avós de Ana, pois estes mudaram-se para outros pagos.

Existia a casa do Santo. Essa casa era ocupada pelo festeiro na tradicional festa de São Sebastião, comemorada em 20 de janeiro de cada ano. No salão havia na época da festa leilões, bailes como até hoje, cujos resultados eram revertidos aos cofres da capelinha para a manutenção da mesma.



Fortunato Henrique Oliveira

Apareceram novas e ilustres lideranças políticas como a do ex-Deputado e ex-Prefeito, Hercilio Vieira do Amaral, pecuarista da região, havendo hoje uma rua com seu nome, e Crispiano Rosa também pecuarista, que conseguiram legalizar o terreno "chamado Terreno do Santo", com pinheiros, doação dos fundadores. Com o produto da venda dos pinheiros foi construída a moderna e espaçosa igreja da atualidade, só que em outro local que não o da primeira.

Nomes não menos ilustres que também fazem parte da vida de São Sebastião do Arvoredo:

Antonio Aguiar Nunes, Intendente em 1967, reeleito em 3 pleitos como Vereador do Município. Pai do poeta e escritor Jair Aguiar Nunes, falecido.

Antonio Pereira, Fortunato Alano, Famílias Flores, Ramos, Família Godoy, Famílias Cel. Fortunato Henrique Oliveira, Família João da Silva Ribeiro (dos Claros), João Batista Nunes (Alferes), Maurício Mattos (Homeopata), Otacílio Polmann (alemão), Paulo Schutz (imigrante alemão), Vidal Candido da Silva e irmãos (se omitimos involuntariamente algum nome, em nossa futura monografia publicaremos).

Vamos ate a "Brusca", nosso querido Quilombo, para que no centenário da abolição possamos saudar nosso povo na lembrança do velho amigo Tio Narciso. E assim São Sebastião do Arvoredo forma no todo o pujante Município de São Joaquim.

Dentro das terras da Fazenda de Marica de São Pedro, ficava atrás de um morro terras de Odilon Batista Ribeiro, neto de Marica, essa propriedade também era chamada de São Pedro. Lugar maravilhoso, à chegada um chapadão, tendo ao lado um lindo bosque, aos lados morros, recobertos de árvores de todos os tamanhos, belíssimos pinheiros. A sede, uma casa tosca, corria ao lado um arroio, cujo leito recoberto de pedras, das margens nascia uma relva verde, que mais parecia um tapete.

Para o lado de cima da casa, um rochedo no qual ainda encontra-se uma cadeira de pedra que é uma perfeição, obra da natureza. Esse arroio desemboca num bosque aos fundos da morada, formando uma miniatura de cascata. No terreiro amplo havia um velho pessegueiro, onde ouvia-se o cantar da passarada. O terreiro recoberto com fragmentos de quartzo, fásca uma miríada de cristais que após uma chuva e a volta do sol, brilham oferecendo a mais linda paisagem.

Essa Fazenda foi dirigida por Sebastião Batista Ribeiro, meu pai, irmão e tutor de Odilon. Sebastião, filho de fazendeiro, criado no seio da natureza amava esse rincão. Era homem de caráter íntegro, positivo leal, muito inteligente e com bom esclarecimento, de uma memória privilegiada. Ardoroso Político, defensor dos ideais do partido a quem pertencia.

Dessa lealdade partidária muito sofreu e muito se decepcionou. Participou ativamente no meio em que viveu. Na Fazenda foi Inspetor de Quarteirão, no plano religioso colaborou muito, foi festeiro na Capela em 1930 na tradicional festa do padroeiro.

Organizou muito bem os festejos junto com o saudoso padre Ernesto



Sebastião Batista Ribeiro e Olga Cassão Ribeiro — pais da autora.

Schutz, contratando a afamada Sociedade Musical Mozart Joaquinense.

1930 trazia e m seu bojo a Revolução. Durante a festa, houve vários comícios e discursos em prol da mesma.

Como já dissemos, ele administrava a Fazenda de seu irmão e filho de criação Odilon, mas quando este se casou, entregou-lhe a propriedade e foi residir na Fazenda de sua irmã Ismânia, no Município de Bom Jesus, de onde era natural.

Mudou-se ainda para a cidade de Canela-RS, voltando novamente para a Fazenda de sua irmã. De lá mudou-se para São Joaquim, onde continuou sendo pessoa muito bem quista e once exerceu o cargo de Juiz de Paz e de Direito em exercício, por algum tempo, conforme documento em nosso poder. Por motivos políticos transferiu-se para Caxias do Sul no RS em 1951. Homem de muita luta, corajoso e sobretudo de grande fé, resistiu a derrocadas financeiras e os embates da vida com muita dignidade.

Veio a falecer em 21 de agosto de 1974 em Florianópolis-SC. Casado com Olga Martins Cassão natural de São Joaquim, descendente de portugueses naturais da Província de Minho, pelo lado paterno, pelo materno da família Mattos (Palma apelido). Caráter bem formado, dinâmica, leal, reservada, foi exemplo de esposa e mãe e para os filhos uma heroína. Faleceu em Caxias do Sul em 7 de junho de 1974.

Rememorando o local em que vivemos, a infância pura e livre daquele pedacinho de São Joaquim de que guardamos a mais grata recordação, ao sairmos deste recanto, que não conhecia-se as agruras da vida, lá permaneceu conosco a lembrança, a saudade. Ao deixarmos aquele lugar, lá ficaram a alma e a marca do que fomos.

Narradas despretenciosamente, as origens, os hábitos da terra que nos deu berço, rendemos singela homenagem ao povo altivo e hospitaleiro, mas sobretudo bom e lhano dos nossos pagos.

—o—

Apresentamos carta original de Marco B. de Souza, da Fazenda de São Pedro Santa Catarina

“Foi com muito apreço que recebi vosso prezado favor, com data de 28

do ppdo. mês. E muito estimei por ter certeza de vossa boa saúde, e de minha querida filha, o que para nós é sempre motivo de muito prazer. Nós aqui chegamos de volta de vossa casa no dia 24, fazendo boa viagem e encontrando tudo mais ou menos em paz. Chegamos todos com saúde e ainda a conservamos, graças ao nosso bom Deus, a quem damos muitas graças e louvores. Fico ciente que, de vossa viagem a tratar os gêneros, que conversamos, de comprar-se. Estou também certo de não terem negociado o Campo de Santa Bárbara, só não sabendo a razão por que emprestei os dois cavalos ao Marcisio, conforme vosso pedido. Aceitem muitas saudades nossas e de teus irmãos e recebam nossas bênçãos em nome do Altíssimo.

Eu pretendo, se Deus quiser, sair de aqui conforme tratamos, de 8 a mais tardar 15 de novembro, para descermos serra abaixo, a tratarmos os gêneros que vai tratar. Nossa égua criou mais uma bonita besta pangaré. Aqui sempre a teu dispor. — Do amigo sempre muito atento e obrigado — Marcos Baptista de Souza”.

Nota da autora: — Marcos Baptista de Souza tinha fazenda no vizinho município do Rio Grande, 3.º Distrito de Bom Jesus. Lá faleceu no dia 07 de outubro de 1906, sendo sepultado no cemitério do Morro Chato, terras de sua propriedade, aos 72 anos de idade.

Maria Rodrigues de Andrade, esposa de Marcos, falecida em 14 de janeiro de 1927, foi sepultada no mesmo cemitério (Era vulgarmente conhecida como Marica de São Pedro).

— 0 —

Errata: à página 43 do 10.º capítulo. (Como parte)

Leia-se:

Dr. Americo Cavalcanti de Barros Rabello, foi um dos primeiros juizes da Comarca de São Joaquim. O 1.º Juiz foi Dr. Vasco de Albuquerque Gama, assumiu em 31.05.1892.

Leia-se: pág. 26

O documento imposto de meia ciza por venda de escravos, pertence ao arquivo da autora, doado por Sebastião de Souza Vieira. Foto de Tia Jacinta pertence ao arquivo de Theófilo Mattos.

Um desbravador da floresta virgem em lances emocionantes

TRANSCRIÇÃO DE UMA PARTE DA VIDA DO PIONEIRO AUGUST WUNDERWALD, NATURAL DE BRAUNSCHWEIG, PIONEIRO DA FLORESTA VIRGEM NO BRASIL

I

Na América do Norte, foram homens alemães que, como intrépidos pioneiros, desde as regiões do Oceano Atlântico ao Oeste, desbravaram as florestas. Os escritores anglo-americanos, com excessão de bem poucos, costumam silenciar sobre os imigrantes e garimpeiros alemães, seus feitos e suas façanhas. Relatam apenas as bravuras de seus patrícios. Mas já em 1682, alemães eram cidadãos da Pensylvania e em 1685, menonitas vindos de Frankfurt fundaram Germatown em Schuylkill. Outros se estabeleceram em Mokawk e Susquehanna, outros seguiram para Rappahannoch, na Virgínia. Como vemos, os alemães não são recentes no Novo Continente e apenas os "Native-Yankes" querem colher a glória.

Não foram os yankes que navegaram o Rio Ohio abaixo em barcos a vapor; foram 3 alemães em 1811, Rosenfeld, Becker e Heinrich. No atual Estado de Ohio, os alemães se estabeleceram antes que os próprios americanos. Também foi um alemão de nome Schreve que navegou com seu próprio barco a vapor toda a extensão do rio, desde Pittsburg, Ohio até New Orleans no Mississipi, abrindo desta forma caminho para a civilização. Quando ainda nenhum homem falando inglês tinha contato com os índios no oeste da Pensylvania, os colonos alemães já mantinham relações paci-

ficas com os mesmos e nada tinham a reclamar ou receiar dos "peles vermelhas", pois tratavam os mesmos como seres humanos. Jacob Kleider, previa para os índios acontecimentos da natureza, tal como: o eclipse da lua e era por eles altamente respeitado. Assim também Konrad Weiser, natural da Floresta Negra (Scharzwald) na Alemanha. Os selvagens não queriam fazer pactos com os yankes mas somente com os alemães, porque sabiam e consideravam corretos e leais. Por intermédio de Konrad Weiser muitas regiões no oeste se tornaram conhecidas. Quando, já muito idoso, faleceu, os índios peregrinaram para a sepultura de seu "bom pai" e nenhum, que por perto passasse, deixava de colocar um punhado de terra sobre sua sepultura.

Os primeiros colonos no oeste da Virgínia, foram igualmente alemães. Os irmãos Eckerlin, já em 1757, construíram em Monangahela cabanas feitas de troncos de árvores. A primeira criança branca a nascer na parte norte de Ohio foi Maria Heckewelder, a 16 de abril de 1781. Filha do conhecido Herrenhuter Heckewelder, ao qual devemos um excelente livro biográfico sobre a Pensylvania. Os primeiros anglo-americanos chegaram 14 anos mais tarde para Ohio, sendo considerados os primeiros colonizadores alemães, mas que não corresponde a verdade.

II

Também no Brasil, são novamente os alemães que metódicamente penetram na floresta virgem. Também a eles cabe a glória de serem os mais valentes e valorosos colonizadores. Isto provam suas colônias nas províncias do sul, como Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Virá (já o frisamos uma vez) o tempo no qual não se entenderá, porque da terra natal não partiram ano por ano milhares de pessoas para o sul do Brasil, onde o elemento germânico tinha a certeza de encontrar um forte desenvolvimento, um maravilhoso e saudável país, sem precisar ter medo de ser esmagado e sugado por nações vizinhas. Como não seria a situação do sul do Brasil agora, se dos atuais 80.000 alemães espalhados nesta região, milhares estivessem aqui a desenvolver a mesma. Mas não nos aprofundemos nesta questão agora, mas sim na realidade que as diversas colônias no sul do Brasil, por sua inferioridade numérica se desenvolvem a passos lentos, sabemos. Mas também alcançaremos nosso objetivo, porque estamos satisfeitos, trabalhamos e somos caprichosos. Assim nos escreveu um colono do Rio Grande do Sul.

O seguinte esboço, mostra como aparecem alemães no sul do Brasil, como pioneiros, garimpeiros e desbravadores de florestas. Agradecemos este relatório ao Sr. Karl von Koseritz de Porto Alegre, um forte e incansável batalhador dos interesses alemães e que não só os defendeu perante as autoridades administrativas e tribunais como também. no *Jornal Alemão* (*Deutsche Zeitung*) de Porto Alegre, sob sua direção. Cremos prestar a nossos leitores um servi-

ço digno, quando os confrontamos com o Sr. August Wunderwald, que já fez tantas "expedições pioneiras" com sucesso que poderemos realmente chamá-lo de bandeirante.

Em Santa Catarina, uma das províncias mais bonitas do sul do Brasil, existem regiões que, com força e pertinácia alemã foi arrebatada à selva e entregue à cultura do povo. Como férteis oásis, estas colônias se erguem no meio da floresta virgem, isoladas e não influenciadas por elementos estranhos. Elas se desenvolvem com total espírito germânico, onde já vivem milhares de alemães e eco sonora a língua da mãe pátria, cantando hinos de louvor a Deus. Mas os alemães que continuam na real pátria distante, uma vez, já pensaram considerá-los membros da mesma pátria alemã, e como tais, protegê-los e favorecê-los? Oh! não — a maioria os desconhece, nunca ouviu falar deles, nem sabem como a mãe pátria já se estendeu no espírito de pai Arndt além-mar, e criou raízes nesta terra distante. Mais uma razão para o alemão conhecer os feitos heróicos destes pioneiros, conhecer sua luta e perigos, que elas de igual corrente se sucedem, levando cultura através da selva.

Nós nos referimos particularmente a um pioneiro, o da Colônia Dona Francisca, Sr. August Wunderwald. Como, após alguns dias, ele reencontra no acampamento, seus colegas para empreender outra caminhada exploradora. O Sr. Wunderwald é um "Braunschweiger" leal de verdadeiro espírito germânico, sempre disposto, duro e pertinaz, na realização de seus sonhos e planos, verdadeiro conquistador, mas em território reduzido, pois seus passos não

são seguidos por atos de crueldade e destruição, mas sim de cultura e vida nova.

Das dificuldades e perigos de uma expedição pioneira numa selva e para os que não conhecem a floresta virgem brasileira, mas somente as européias ou americanas, é difícil imaginar como é na realidade esta floresta.

A selva na região de Santa Catarina e Paraná, banhada pelo Oceano Atlântico, ainda tem o aspecto trópico, não são árvores de porte médio, crescidas mais ou menos da mesma altura e sob cuja sombra pasta tranqüilo o gado e as pessoas realizam passeios. Não, é um terrível caos selvagem, as mais estranhas árvores e plantas se aglomeram em matas fechadas. Grandes e altas árvores quase não encontramos, pois mal uma consegue passar a densa mata que a cerca, já inúmeras outras plantas se apossam dela. Em sua casca, em seus galhos, brotam várias qualidades de musgo, entrelaçam-se por entre estes novamente, cipós, tanto para o alto como para o solo, no qual se fixam portando alimento para suas ramificações. No musgo, depositados por sua vez variadas sementes, que lá no alto começam a desenvolver-se e muitas vezes apresentam lindas e multicoloridas flores. Em outras árvores, cipós se agarram, abraçando as mesmas como tentáculos de um polvo, sugando sua seiva ou abraçando-a num amplexo mortal.

Nenhuma árvore apresenta uma visão como nosso carvalho que se eleva orgulhosamente para o alto, mostrando sua força e liberdade. Os daqui se parecem com um gigante acorrentado, cabeça curvada por estranhos braços que o arrastam para o chão.

Por isto, na floresta virgem se encontra muitos gigantes tombados, cujo nervo central ainda vive, mas coberto por uma densa mata que não lhe permite mais se erguer como antes.

Mais densa e impenetrável se torna a selva, ali onde em vez de arbustos encontramos o lugar ocupado pela taquara. Existem diversas qualidades de 4 a 5 palmos de diâmetro, todos ocos, alguns com um líquido leitoso, sinal de que a água é rica em magnésia. Com articulação de 3, 4 e 5 pés de comprimento, algumas possuem afiados ganchos em forma de espinhos. Aos grandes de até 1 palmo de grossura só se pode dar combate com um machado bem afiado. A taquara é mais encontrada na margem dos rios, mas também aparece nas montanhas. Geralmente cresce tão densa que não se pode olhar nem 10 passos por entre a mesma; galhos longos e afiados, espalham-se em todas as direções.

Quando seguimos para o oeste e corremos com a costa em paralelo, se avista uma cadeia de montanhas, a Serra do Mar ou Serra Geral. Passamos por ela e chegamos ao assim chamado, planalto serrano, onde encontramos livres pastagens fazendo contraste com a selva. Ali encontramos uma floresta que faz lembrar muito a dos da América do Norte. Encontramos nesta região árvores crescidas mais ordenadas, misturando-se com palmeiras e avenças gigantes; o chão já permite uma passagem mais livre e só um ou outro lugar é coberto por mato limpo. Chegamos também a locais onde crescem em abundância o pinho brasileiro, que não é visto na área costeira, nem da selva. Estes pinheiros formam maravi-

lhosas e uniformes árvores, onde embaixo cresce o chamado mato catanduba ou capim, na altura de 5 a 6 pés, que serve de pastagem ao numeroso gado do planalto, principalmente nos meses de inverno.

Este é o esboço geral da vegetação que encontramos nesta região na qual o pioneiro de "Braunschweig" e seus companheiros querem penetrar e abrir novos caminhos. A expedição que está prestes a partir em dezembro de 1866 é calculada para 8 a 10 semanas. Neste tempo estarão completamente isolados da civilização, dependendo somente de si próprios. Como soldados prontos para seguir ao campo de batalha, os homens estão equipados. Na floresta não há nada com que viver, ou melhor, não estão certos de encontrar algo, quando o precisarem. A caça fornece a carne, principalmente aves e macacos. Mas às vezes também passam semanas em que não encontram nada. Com frutas silvestres não podem contar; existem muitas, mas têm suas particularidades e, servem mais para medicamento do que para comer.

Só encontram na floresta a palmeira repolho, em cujas folhas e frutos existe uma espécie de verdura que se parece muito com o aspargo, mas se ingerido em grande quantidade, esta verdura traz a inconveniente prisão de ventre. No planalto encontram-se o pinheiro, cujos frutos, o pinhão, na época de seu amadurecimento oferece um alimento substancioso e muito parecido com nossa castanha. Principalmente, para os índios ou bugres representa um alimento nutritivo e que colhem cuidadosamente e guardam em covas na terra, previamente queimados.

Nossos pioneiros, precisam portanto levar bastante mantimentos se não querem passar necessidade. Mas como é preciso transportar tudo em mochilas nas costas, se restringem ao mais indispensável. Uma quantidade restrita de carne seca, fubá, feijão, sal, café, um pouco de aguardente e naturalmente algum remédio para qualquer eventualidade. Tudo isto, assim como os outros objetos de uso pessoal, são guardados em latas, para preservar os mesmos da chuva e umidade, depois colocado nas mochilas e alforjes. Também fazem parte do equipamento, alguns fuzis, munição e machados, logicamente um facão que cada um precisa para abrir caminho pela floresta. Assim partem, cada um levando mais de 30 a 35 kg. Uma carga realmente pesada para a penosa caminhada, que felizmente, dia a dia se torna mais leve.

Agora penetram na floresta. Alguns homens depositam as mochilas no chão para entrar na mata. Na frente o pioneiro, que logo começa a rastejar e outras vezes precisa escalar. Rápido e fácil atravessa o emaranhado de galhos e arbustos, sempre atento ao lugar no qual pisa, uma vez para a esquerda, outra para a direita, para melhor reconhecer o solo. Uma vez ou outra consulta seu fiel amigo, a bússola de bolso, para não se desviar do rumo traçado. Às suas costas trabalham os picadeiros, que limpam a trilha deixada por ele, dando assim livre passagem aos outros companheiros de retaguarda que trazem equipamento.

Assim continua o trabalho, com pequenas interrupções para uma merenda. De resto, o trabalho prossegue sem parar até à tar-

de às 3 ou quatro horas, quando encontram um riacho ou córrego onde param, abrem uma clareira e começam o trabalho para levantar uma cabana rústica. Esta é apenas feita de um telhado inclinado, a parte mais alta é apoiada por um tronco e a parte de trás quase toca o chão. Alguns bambus colocados transversalmente são cobertos por folhas de palmeiras e os lados também para proteger da chuva e do vento. Logo uma fogueira é acesa e nas panelas cozinha-se o feijão. Em volta, nos espetos, é assada a carne. Um cheirinho delicioso se espalha em volta e convida para um bom jantar.

Neste meio tempo, os homens trocam de roupa ou secam a que está molhada. Um banho no riacho próximo refresca todos e com grande apetite se sentam em volta da fogueira para comer. Mesmo uma farta caça do dia, desaparece em pouco tempo.

Por último, um bom café e o cachimbo é aceso, devolvendo tranqüilidade e paz a todos. Depois de reavivar o fogo, as roupas secas recolhidas, panelas e a louça limpa, água fresca na chaleira, se recolhem para um merecido descanso. A brisa do vento é refrescante e o aromático e enebriante perfume das flores silvestres, espalha-se ao anoitecer.

O grito dos pássaros noturnos soa suave. Centenas de vagalumes atraídos pela fogueira acendem e apagam sua luz esmeraldina, muitas vezes pagando com a vida a paixão excessiva pela luz, caindo nas chamas da fogueira. Mas as nuvens de mosquitos e pernilongos são visitantes indesejáveis.

Enquanto os companheiros dormem profundamente, nosso

pioneiro ainda está acordado e a luz de uma vela, anota os acontecimentos do dia em seu diário, que leva cuidadosamente guardado numa lata. Terminando este trabalho ele também se recolhe para descansar.

Repentinamente alguma coisa se move na choupana. Nosso pioneiro, velho caçador, está sempre com um ouvido alerta, rapidamente se levanta e já com a arma na mão, vê afastar-se um vulto. Atira. Os companheiros acordam alarmados, pegam seu facão e seguem o vulto que desapareceu na escuridão. Encontraram apenas um marsupial que, atraído pelo cheiro da comida, tinha se aproximado do acampamento e por falta de coisa melhor se apoderou da bota de um dos expedicionários.

Da mesma forma, às vezes chegam a rondar o acampamento onças, sem que se tornem perigosas aos homens.

Um pouco mais desagradável fica o acampamento no planalto. Naquela região é quase certo, o encontro durante a noite com índios (da tribo dos coroados), que rondam a cabana, para, numa oportunidade propícia atacar a mesma. Estes indígenas são ariscos e covardes, não têm coragem para um ataque frontal. Mas numa oportunidade atacariam e então dificilmente um dos pioneiros sobreviveria. Assim, a fogueira arde sempre também do lado externo da cabana, iluminando a redondeza e deixando o interior às escuras, para não oferecer um alvo fácil num possível ataque. Durante a noite, o homem que fica de guarda pode relativamente bem observar a redondeza.

Ao amanhecer começa novamente a vida na cabana. Depois do café e uma boa refeição mati-

nal, continua o trabalho. O equipamento permanece desta vez no acampamento sob guarda de um dos companheiros, enquanto os outros ajudam na abertura de novas picadas e voltam somente ao anoitecer. No terceiro dia uma turma prossegue na abertura da picada e os outros seguem transportando o equipamento. À noite nova choupana é erguida em outro lugar. Assim penetram diariamente mais e mais floresta adentro, em direção à meta que fixaram, deixando de 800 a 1000 metros sempre uma choupana.

Tudo segue o seu ritmo normal, enquanto o bom tempo o permite. Mas dificuldades surgem quando começa a chover, por vários dias seguidos e pior fica ainda a situação quando desaba um violento temporal à noite. Enormes massas de água se abatem sobre a terra, tudo fica molhado. A água penetra pela cobertura por folhas de palmeira e não oferece proteção. Também das montanhas a água vem em grande quantidade, o fogo se apaga e reina uma completa escuridão em torno do acampamento. Somente os relâmpagos permitem uma rápida visão na densa escuridão. O vento se torna mais forte, as árvores gemem com a violência dos elementos. Muitas árvores não suportam o peso da água e a violência do vento, desabando com violência no chão. Mais desesperada fica a situação se um redemoinho de vento penetra na floresta e então os mais fortes troncos são arrancados em segundos, outros quebram como galhos secos. Nesta ocasião o coração do homem mais destemido bate acelerado, pois a cada momento um galho mais forte pode desprender-se e atingir na queda a cabana

com todos dentro. Enfim é uma situação desagradável. Todos estão molhados até os ossos, fechados numa escuridão impenetrável para o olho humano.

Amanhece, mas o céu continua cinzento e encoberto; uma chuva fina atravessa o emaranhado de árvores. A cabana é recoberta com novas folhas e sob sua proteção, com muito sacrifício, é acesa uma nova fogueira. Depois o borbulhar da água fervendo nas panelas, levanta o ânimo dos valentes pioneiros e um bom café reativa o espírito. Perto da fogueira as roupas são estendidas para secar. Todo dia ficam numa inatividade enervante que representa verdadeiro castigo para os homens da floresta. O receio que os mantimentos possam se tornar escassos, durante este tempo de inércia, também os preocupa. Resolvem continuar com chuva a jornada. As roupas precariamente secas são colocadas, as grossas camisas de lã têm a vantagem de não colarem no corpo e não tolhem os movimentos na continuação da caminhada e também ajudam a aquecer o corpo, não permitindo ao mesmo entorpecer.

Várias são ainda as dificuldades e perigos que nossos pioneiros têm que enfrentar. Logo chegam a um riacho, que devido ao último temporal se transformou num violento e caudaloso rio. Correndo grande perigo precisam transpor o mesmo. Rapidamente é construída uma passagem provisória em forma de tronco que encontraram caído junto à margem, mas suficientemente longo para alcançar a outra margem. Às vezes também improvisam uma jangada que lhes permite a travessia. Naturalmente a mesma não apresenta segurança nenhuma,

mas é preciso arriscar. Outra vez durante o corte de uma picada, ouvem um grito, um dos homens pula para trás, pálido, tremendo no corpo todo. Tinha pisado numa jararaca de considerável tamanho, uma das cobras mais venenosas encontradas aqui; mas o rápido pulo o tinha livrado da picada mortal. Felizmente estas cobras são lentas em seus movimentos e alguns companheiros mataram o perigoso ofídio.

Menos perigosos, mas bem mais misteriosos e cheios de imprevistos são os bugres, quando pressentem sua presença. Assim um dos pioneiros certo dia, quando estava no planalto serrano, ouviu o barulho de galhos secos se quebrando na mata próxima. Pensando tratar-se de uma anta, logo procurou aproximar-se do animal, pois há dias estavam sem carne. Mas rápido, apesar do mato espinhoso, o animal desapareceu. Ele pretendia segui-lo, quando em sua volta ouviu os mais variados sons de animais e pássaros. Surpreso parou. As vozes também silenciaram, para em seguida, como sob comando começar uma enorme gritaria. Agora ele sabia de quem se tratava e voltou depressa ao acampamento. Avisou os amigos da presença dos índios. Estes, se armaram para enfrentar um possível ataque, principalmente a entrada da cabana. Guardaram a volta da mesma também, disparando tiros para o ar de vez em quando. Felizmente nenhum ataque aconteceu até o amanhecer.

O pior que pode acontecer a estes bravos pioneiros é a falta de mantimentos; a busca de novo abastecimento é impedida por uma infinidade de obstáculos.

Assim aconteceu em uma das primeiras viagens de reconheci-

mento, em setembro de 1866, quando partiram de Blumenau, embrenhando-se numa região pouco conhecida e que até o presente momento, ainda não tinha sido pisada por nenhum homem branco: A região para a Colônia D. Francisca.

Grande parte do lugar era densamente fechado pela taquara, rios caudalosos que se tornaram intransponíveis depois das grandes trovoadas que tinham caído há vários dias. Igualmente não encontraram caça, diariamente as rações diminuíram e um dia chegou em que nada mais restava. Agora os homens dependiam exclusivamente do palmito, que na falta de sal era untado com um pouco de graxa para as botas. Dia a dia, os homens se sentiam mais fracos. Nosso amigo fazia de tudo para reanimá-los, transmitir-lhes confiança, mas pouco conseguiu. Mal tinham caminhado 100 metros, deitavam-se, adormecendo instantaneamente apesar da chuva que caía. Para não deixar sucumbir todos, Wunderwald deixou para trás os homens exaustos, seguindo preocupado o caminho, apenas acompanhado por alguns homens que lhe restaram, e, por fim, somente um único restou para segui-lo. Felizmente chegaram a uma picada que tinha sido preparada por outro companheiro vindo em sentido contrário, mas que, também por falta de mantimentos já tinha tomado o caminho de volta ao acampamento. Seu ânimo, cresceu. Juntando suas últimas forças, avistou, no nono dia as primeiras casas de D. Francisca, de onde imediatamente foi enviado socorro aos companheiros deixados pelo caminho.

Todos se reuniram novamen-

te, mas como! Magros, esqueléticos, antes fantasmas do que gente. Todos, sem excessão, devido às privações sofridas tiveram que enfrentar uma, mais ou menos, séria enfermidade.

É certo, em nenhum lugar é mais difícil orientar-se do que numa selva inexplorada. O navegador em alto mar tem maiores possibilidades de orientação que nossos pioneiros. O primeiro tem o auxílio da bússola e também o vasto firmamento com estrelas e sol a orientá-lo para o norte ou sul, leste ou oeste. Nosso pioneiro, depende apenas de uma pequena bússola portátil, que o desorienta quando encontra nas proximidades uma, mais ou menos, rica jazida de ferro, mas é a única orientação que tem para chegar à meta. Sem ela, com todos os companheiros estaria irremediavelmente perdido. Tudo lhe falta para uma orientação certa, pois dias a fio ele enfrenta a mata baixa e cerrada, como se estivesse num túnel, sem ver muito além de dois metros em torno de si, sem ver a posição exata do sol ou mesmo o azul do céu. Se quiser obter uma visão ampla do terreno em que está pisando, precisa subir uma montanha e da árvore mais alta que encontrar, observar os arredores e mesmo depois de todos os sacrifícios enfrentados na escalção da árvore, ainda não viu o que procurava e é preciso derrubar algumas árvores para obter melhor visão.

Pessoas inexperientes que penetram na floresta sem deixar marcas durante o caminho percorrido, como marcar árvores ou deixar outros sinais visíveis, irremediavelmente se perdem e em pouco tempo não sabem mais onde fica, oeste, leste, norte ou sul.

Querem voltar e penetram mais fundo na selva, julgam estar caminhando em linha reta e para sua surpresa, chegam ao mesmo lugar onde há uma hora atrás já tinham passado. Ficam abismados, paralisados mesmo e um medo estranho se apodera deles, uma ânsia indescritível toma conta da pessoa que começa a caminhar sem rumo, apesar de estar próximo à sua casa. Mas neste sentimento de medo, vaga horas, às vezes dias, completamente desorientado, assovia, grita, atira para o alto, mas o estampido é abafado pela mata. Finalmente chega socorro na pessoa de um conhecido ou ele é encontrado por uma equipe de salvamento que saiu à sua procura.

Isto naturalmente não acontece a um conhecedor da floresta, mas que às vezes se encontra em situação mais ou menos parecida.

Já mais de 12 anos se passaram, que nosso pioneiro com igual energia e perseverança se dedica ao seu ofício. Milhares de alemães seguiram suas trilhas, onde há poucos anos, distante de toda a civilização e na companhia de poucos amigos, lutou contra perigos de toda espécie e já agora surgiram pequenas e alegres aldeias em terras férteis e promissoras. Principalmente para três importantes colonizações no Brasil; Dona Francisca e Blumenau na Província de Santa Catarina e já há 20 anos passados a Colônia de Rio Negro no planalto, na Província do Paraná. Todas elas antes não tinham comunicação entre si, hoje estão ligadas por seu trabalho pioneiro, suas trilhas tomaram o aspecto de estradas, permitindo um desenvolvimento amplo e de grande repercussão econômica."

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente
— Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA